



PORTUGAL DEMOCRATICO

ANO VI — N.º 61 — SÃO PAULO, JUNHO DE 1962 — REDAÇÃO: RUA CONSELHEIRO FURTADO, 191, SALA 2 — CAIXA POSTAL N.º 4 468

MENSAGEM AOS ESTUDANTES E TRABALHADORES DE PORTUGAL



O movimento de solidariedade aos trabalhadores e estudantes de Portugal e Espanha que neste momento empolga toda a Nação brasileira atingiu o seu momento mais alto no ato público realizado no Cine Paramount no dia 17 de maio. Porque a solenidade se efetuou quando estávamos a fechar a presente edição de PORTUGAL DEMOCRATICO apenas nos é possível publicar esta imagem do conjunto da sala, reservando para o próximo número uma ampla reportagem do acontecimento. Mais de 1500 pessoas assistiram ao ato durante o qual, entre outras resoluções, foi aprovada a realização de uma gigantesca passeata no

dia 20 de Junho seguida de comício na Praça da Sé. Discursaram entre outros oradores os deputados Cid Franco-Germinal Feijó; Paulo de Tarso Rocha Mendes; Ivette Vargas pelo Partido Trabalhista Brasileiro; Luis Carlos Prestes pelo Partido Comunista Brasileiro; Tito de Morais pelos democratas portugueses; Antonio Guardiola pela oposição espanhola; João Louzada pelos trabalhadores do Brasil; Leo Pastori pelos estudantes etc. O general Humberto Delgado assistiu ao ato, tendo sido a primeira personalidade convidada a tomar lugar na mesa.

Durante o ato público realizado em São Paulo, no dia 11, cuja reportagem publicamos nas páginas centrais, foi aprovada a seguinte mensagem de saudação aos estudantes e trabalhadores de Portugal:

Companheiros:

Vossa luta é a nossa. De longe, nunca deixámos de estar a vosso lado. Acompanhamos vosso combate permanente pela anistia. Acompanhamos vossos esforços tenazes pelo estabelecimento de uma frente unitária contra o regime fascista que escraviza Portugal há 36 anos. Acompanhamos a luta e o drama de vossos companheiros que ficaram pelo caminho. Conhecemos seus nomes; guardamo-los na memória. Os dos heróis ignorados que morreram nos cárceres da PIDE e no campo do Tarrafal e os daqueles que foram assassinados à luz do dia, como Catarina Eufémia, símbolo da revolta e da resistência de todos os camponeses de Portugal, e como Cão Martins, fuzilado no levantamento operário de Almada ou ainda como José Dias Coelho, abatido, à traição, pelas costas, por um esbirro policial.

Acompanhamos, companheiros, todo o vosso sofrimento, vossa batalha diária contra o fascismo, na legalidade e na clandestinidade, quando, no exterior, poucos vos ouviam e menos ainda vos compreendiam. E é com alvoroço e esperanças maiores que vimos acompanhando vossa arrancada final para a derrubada de Salazar e da oligarquia que o sustenta.

Vossa palavra de ordem PELA INSSURREIÇÃO POPULAR E

NACIONAL nos comove e entusiasma. Cada nova ação fortalece em nós a certeza de que esse é o caminho certo. Foi assim por ocasião dos acontecimentos de Almada, em novembro do ano passado, foi assim no limiar do ano novo, em Beja, foi também assim no dia 31 de Janeiro, quando o povo do Porto veio para a rua com coragem inextinguível, desafiar o poderoso aparelho de repressão salazarista. E tem sido assim em todas as vossas manifestações contra a guerra colonial. A vosso lado estávamos, uma vez mais, quando os universitários de Lisboa, Coimbra e Porto entraram em greve, decretando o "luto académico" como resposta e desafio à proibição das comemorações do "Dia do Estudante", alcançando no movimento inesquecível vitória.

Hoje, quando os estudantes e trabalhadores de São Paulo se reúnem em ato público de solidariedade à juventude estudantil, aos operários e camponeses de Portugal, o que recordamos, sobretudo, companheiros, são as jornadas do 1.º e do 8 de Maio, em Lisboa, no Porto, em Coimbra, em Aljustrel, na Cova da Piedade e em toda a parte onde o povo saiu à rua com firmeza e bravura, desafiando abertamente as proibições fascistas e a abjecta polícia salazarista. E recordamos, e com eles nos identificamos fraternalmente, os mil estudantes ontem presos em Lisboa, presos por encarnarem a vocação revolucionária que neste momento varre Portugal.

Curvamo-nos diante de vossos mortos e vossos feridos. Mas acreditamos que eles não se sacrificaram em vão. Vemos nessas duas grandes jornadas o alvorecer de uma revolução que amadurece. A União magnífica de estudantes, operários e camponeses, forjada no calor da luta, é a melhor garantia, a nossos olhos, de que o povo de Portugal não derrubará Salazar para cair num salazarismo sem Salazar. É o que queríamos dizer-vos. Que estamos, como sempre, a vosso lado, que vos acompanhamos.

Companheiros: saudamos nos estudantes e na classe operária de Portugal a vanguarda de uma revolução que luta pelo Pão, pela Paz e pelo Progresso.

São Paulo, 11 de Maio de 1962

Maurício Vasconcelos Pinheiro — União Estadual dos Estudantes; Luis G. S. de Almeida, Centro Académico "XI de Agosto"; Aldo Leibta, Centro Acad. Sociologia e Política; Sylvio Band, Grêmio da Escola Politécnica; Carlos Roberto Garcia, Grêmio Acad. Fac. Filofofia, Ciências e Letras; Lazaro Maia, Sindic. Oficiais Marceneiros de S. Paulo; Pedro Iovini, Sindicato dos Emp. Bancários; Luiz Firmino de Lima, Sindicato dos Textéis S. Paulo; José Bustos, Sindicato Trabalhadores Ind. Metalúrgicas, Mecânicas e Mate. Elétrico; Luiz Góis Soti, Sind. Trab. em Carris Urbanos; Rocha Mendes Filho, Sindicato dos Trabalhadores Ind. Gráficas; Silvestre Bozzo Sind. Trab. Ind. Papel e Papelão; João Louzada, Sindicato Trabalhadores Ind. Construção Civil; Roberto Morena, Sind. Ofic. Marceneiros do Estado da Guanabara.

SALAZARISMO... OU INDEPENDENCIA?

As últimas manifestações populares, de 1, 8, 19 e 28 de Maio, os protestos de trabalhadores e estudantes que sob várias formas se tornaram um constante da vida política portuguesa, puseram em evidência a organização e a unidade crescentes da oposição a Salazar.

Ao mesmo tempo que a ditadura procura desesperadamente consolidar o seu esquema policial-militar, gravemente afectado pela luta popular e pela guerra colonial, os outrora tão "patriotas" salazaristas mostram claramente que preferem qualquer intervenção estrangeira a abandonar o poder.

Os "aperfeiçoamentos" introduzidos no Pacto Ibérico, os empréstimos da Alemanha Ocidental em troca de concessões de carácter militar e as queixas contra as alianças e os aliados que se negam a dar cobertura "suficiente" à política colonialista de Salazar, atestam amplamente a incapacidade da ditadura para encontrar uma solução nacional para os graves problemas que ela própria criou em 36 anos de opressão e obscurantismo.

Nestas condições, a inevitável generalização da repressão interna, as consequências socio-económicas

da guerra colonial em Angola, isolam cada vez mais o punhado de aproveitadores e de mandantes da ditadura e alargam na consciência popular a necessidade urgente do levantamento nacional, a necessidade de organizar e concentrar, nos pontos básicos, a luta contra o regime salazarista.

Os tempos das intervenções militares estrangeiras contra, os movimentos de libertação nacional, os tempos em que uma esquadra, oportunamente fundeada no Tejo, permitia acautelar facilmente os interesses de um governo impopular e anti-nacional, passaram. Vários exemplos de países onde recentemente a luta popular pela democracia triunfou provam que nem é possível, nem interessa ao prestígio das grandes potências uma política intervencionista e, em último caso, essa política é francamente derrotada pelas forças democráticas e populares.

A agudização da luta em Portugal mostra que o Povo Português não se deixará iludir com falsas ameaças e está disposto a levar até às últimas consequências a luta pelo restabelecimento das liberdades e da paz, a luta pela sua emancipação económica e política.

PORTUGAL
DEMOCRATICO

FOLHA DE S. PAULO ★

Um jornal a serviço do Brasil

ANO XLII São Paulo - Terça-feira, 29 de maio de 1962 N.º 12.035

Correio Paulistano

ANO 108 | São Paulo, sábado, 2 de junho de 1962 | N. 32.567

Em Defesa da Anistia a Oposição Portuguesa

Líderes políticos e individualidades portuguesas no exílio, cujo pensamento e posições exprimem no seu conjunto a totalidade das correntes existentes no seio da oposição à ditadura salazarista, acabam de dar à divulgação um importante documento. Trata-se de um apelo dirigido aos democratas do mundo inteiro conclamando-os a emprestar o seu apoio à primeira Conferência da Europa Ocidental pela Anistia aos Presos e Exilados Políticos Portugueses a realizar-se brevemente em Paris. Transcrevemos abaixo o texto desse apelo, cuja publicação nos solicitam:

"Considerando que a inexistência das liberdades democráticas em Portugal constitui um atentado permanente contra a Declaração Universal dos Direitos do Homem, proclamada pelas Nações Unidas; Considerando que a legislação repressiva em Portugal vai até à prisão perpetua e que os tratamentos infligidos aos presos políticos põem em perigo constante a sua vida; Considerando que a opinião pública mundial é um fator decisivo para a defesa das liberdades democráticas;

Os signatários dirigem o mais veemente apelo aos democratas de todo o mundo para que afirmem publicamente o seu apoio à realização da conferência europeia em prol da libertação dos presos políticos portugueses".

HUMBERTO DELGADO, General — Ex-Candidato a Presidência da República em 1958; ALVARO CUNHAL, Secretário Geral do Partido Comunista Português; RUY LUIS GOMES, Prof. Universitário — Ex-Candidato à Presidência da República em 1951; ADOLFO CASAS MONTEIRO, Escritor; ANICETO MONTEIRO, Matemático; ANTONIO JOSE SARAIVA, Escritor e Historiador; CASTRO SOROMENHO, Escritor; EMIDIO GUERREIRO, Professor; JOAO SARMENTO PIMENTEL, Capitão; JORGE DE SENA, Escritor; JOSE MORGADO, Prof. Universitário; MANUEL SERTORIO, Advogado; MANUEL TITO DE MORAIS, Engenheiro; MANUEL VALADARES, Físico; MIGUEL URBANO RODRIGUES, Jornalista; PAULO DE CASTRO, Escritor e Jornalista.

A imprensa brasileira divulgou largamente o importante apelo que a gravura reproduz e que mostra bem até que ponto se reforçou ultimamente a unidade de acção de todas as correntes que combatem o fascismo português.

Solidariedade dos Italianos

Em Itália, o movimento nacional contra a repressão e pela anistia vem assumindo grande amplitude. Transcrevemos o texto de uma comunicado recentemente divulgado:

O Comité Italiano pela Anistia e as Liberdades Democráticas em Portugal, tomou conhecimento com emoção dos recentes acontecimentos que atingiram o povo português e todos aqueles que no mundo simpatizam com sua luta.

Nos últimos meses, em 31 de Janeiro, 8 de Março e durante as recentes manifestações estudantis o povo português havia manifestado, a despeito das ameaças e das proibições arbitrárias, as suas reivindicações mais elementares e simples como sejam: — ANISTIA — PAZ EM ANGOLA — LIBERDADE DE ASSOCIAÇÃO!

E de cada vez estas exigências humanas encontraram da parte do regime uma única resposta: — a repressão, as prisões em massa, a agressão policial.

Agora, por ocasião da 1.ª de Maio, data de alegria e de confraternização para todo o mundo os homens e mulheres, os jovens que em Portugal saíram às ruas para expressar o seu desejo de uma vida melhor, foram cercados pela policia comprimidos em redes e por carros blindados, visados por metralhadoras que dos telhados feriam e matavam a esmo.

De norte a sul do país, de Tortozendo a Tondela em Braga, Pôrto, Lisboa, Cova da Piedade, Aljustrel, etc., o terror e a morte desceram sobre o povo português.

Pelas últimas informações telefônicas soubemos que houve 3 mortos em Aljustrel, 20 mortos e 200 presos em Lisboa, 300 presos no Pôrto e outras prisões em Braga e Coimbra.

Entre os detidos há democratas muito conhecidos a saber: —

NO PORTO: — Guedes Pinheiro (médico), Lobão Vital (arquiteto), e sua mulher Virginia Moura (engenheira); Alberto Andrade (banqueiro), Luiz Ferreira Alves (estudante), Jorge Araujo (estudante), Armando Bacelar (advogado).

EM BRAGA: — Ribeiro da Silva (advogado), Victor de Sá (escritor português que participou do Congresso de Florença da Comunidade Europeia dos escritores).

O Comité Italiano pela Anistia e Liberdades Democráticas em Portugal, em face desta grave situação, cuja responsabilidade pertence a um governo que se declara aliado do nosso país manifesta o seu mais vivo protesto às autoridades portuguesas e ao seu representante na Itália, responsabilizando-os pela vida e pela liberdade de milhares de prisioneiros políticos portugueses.

O Comité Italiano pela Anistia e Liberdades Democráticas em Portugal dirige um apelo a todas as entidades sindicais italianas e internacionais, a todas as organizações juvenis e estudantis a todos os movimentos democráticos e aos homens e mulheres de boa vontade, a fim de que escrevam à Embaixada de Portugal — Via Magenta n.º 5, Roma: —

— exprimindo a sua emoção e a sua indignação, pedindo a liberdade imediata das centenas de presos e feridos, a punição dos responsáveis pelo assassinato dos operários, a anistia para todos os presos e exilados políticos portugueses.

ROMA 4 de Maio de 1962.

E' dever de todo o democrata português comparecer à passeata do próximo DIA 20 DE JUNHO

O terror policial contra a democracia

A heroica luta dos trabalhadores e estudantes apavorando Salazar e seus acólitos da PIDE, desencadeou, como era de esperar, uma feroz repressão. Uma onda de terror policial varre Portugal, do Norte a Sul, neste momento. Milhares de patriotas enchem as prisões. Entre os que acabam de ser arbitrariamente detidos e lançados nos cárceres salazaristas contam-se democratas bem conhecidos como a engenheira Virginia Moura e seu marido, o arquitecto Lobão Vital, ambos dirigentes do antigo Movimento Nacional Democrático; o medico dr. Guedes Pi-

neiro; o advogado dr. Armando Bacelar; o dr. Victor Sá e Alberto Andrade, ambos candidatos a deputado na última farsa legislativa; e o medico de Coimbra dr. Ferreira da Costa. Foram também detidos Alberto Prouença, alfaiate, e o comerciante Joaquim Xavier. A classe estudantil foi a mais atingida, com as prisões — entre muitas outras que oportunamente serão conhecidas — de Jorge Constant Pereira, Jorge Araujo, Seixas, Francisco Cordeiro, Mendes, José Mario, Ferreira Alves, Maria Clara Felgueiras e Fernando Felgueiras, seu irmão. Temos tam-

bém noticia da prisão dos trabalhadores democraticos José Silva e Bernardino e de dois operários dos estaleiros de Viana do Castelo.

Apelo aos Trabalhadores Brasileiros

Por ocasião do V Congresso Sindical Mundial, a Federação Sindical Mundial aprovou uma resolução no sentido de que os trabalhadores do mundo inteiro dêem a sua solidariedade aos trabalhadores de Portugal. O jornal "Luta Democrática", do Rio de Janeiro, ao publicar o texto desse documento apelava para que os trabalhadores brasileiros tomassem posição, solidarizando-se com os seus colegas portugueses e protestando contra "o miserável regime salazarista". A resolução é do seguinte teor:

Diz a Resolução: Fazem 35 anos que existe em Portugal uma ditadura fascista que se caracteriza pela supressão de todas as liberdades democráticas e sindicais, por uma repressão terrorista que golpeia aos trabalhadores e as amplas camadas da população e por uma politica colonialista que fazem dezenas de milhares de vítimas.

A situação dos presos políticos de Portugal indigna a todos os homens honrados pelas arbitrárias penas que lhes infligem pelas torturas que sofrem, assim como pelas condições de encarceramento.

O V Congresso Sindical Mundial chama todos os trabalhadores do mundo a condenar energicamente o regime colonialista de Salazar e sua politica colonialista; lhes pede que se solidarizem com a luta dos trabalhadores e de todo o povo português pelo restabelecimento das liberdades democráticas e dos direitos sindicais e para exigir a anistia para os presos e exilados políticos portugueses, assim como para pedir a liberdade dos trabalhadores e militares encarcerados, particularmente a do dirigente sindical Manuel Rodriguez, que está há mais de 20 anos encarcerado e cuja vida se encontra hoje gravemente ameaçada.

O Congresso está convencido que o desenvolvimento da luta unida do povo português sustentada pela solidariedade ativa dos trabalhadores do mundo e de suas organizações sindicais logrará derrotar o regime fascista de Salazar e o restabelecimento da democracia."

Saudação aos Presos Políticos

A Reunião da Mesa Executiva do Conselho Iberoamericano para Anistia dos Presos e Exilados Políticos de Espanha e Portugal, reunida nos dias 23 e 24 de Abril de 1962 na cidade de Porto Alegre e no dia 25 de Abril na cidade de Niterói, com a participação de delegados vindos da Argentina, Chile, Uruguai, dos Estados brasileiros do Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Guanabara, RESOLVE fazer chegar a todos os presos que nos cárceres de Espanha, Portugal e suas colonias, sofrem prisão por suas ideias políticas e por defender seus direitos como trabalhadores e homens livres, uma saudação emocionada e a promessa de que não são nem serão esquecidos e que os povos latino-americanos se comprometam a lutar até ao fim por sua liberdade. Além disso, a todos aqueles espanhóis e portugueses que lutam nas fábricas, campos, universidades ou em qualquer lugar pela liberdade de seus países, faz-lhes chegar suas palavras de solidariedade fraternal.

Assinam a saudação os Drs. Bernardo Canal Feijóo, presidente em exercício e o Dr. Carlos M. Rama, secretário geral.

Os intelectuais portugueses solidarios com os estudantes

A luta dos estudantes de Lisboa, Coimbra e Porto vem sendo acompanhada com profunda emoção por todas as camadas da população portuguesa. Inumeros manifestos de apoio à heroica acção da classe estudantil circulam, mimeografados de Norte a Sul do País. Recebemos alguns deles em nossa redação, assinados por medicos, engenheiros, advogados, professores, etc. Transcrevemos a seguir por o consideramos particularmente expressivo, o manifesto de apoio dos intelectuais.

"A Universidade Portuguesa está de luto pelos graves atentados, cometidos nas últimas semanas, à sua já abalada autonomia. Em protesto contra as incursões policiais e agressão de estudantes, contra as proibições vexatórias contra o desrespeito com que são tratados os representantes da Instituição, pronunciamos-se o Senado Universitário de Lisboa, pediram a demissão o Reitor e directores de Faculdade da Universidade Clássica de Lisboa e os milhares de estudantes que frequentam as Universidades de Coimbra, Lisboa e Porto decretaram o luto académico, não se apresentando às aulas.

A estas atitudes de desassombro moral têm as autoridades argumentado com a força bruta da sua policia de choque (espancamento dos estudantes no Estádio Universitário, no Campo Grande e no Campo de Santana) e na Imprensa-Rádio e TV; com publicação de notas officiosas contendo as mais falsas acusações, que representam um desesperado mas vão esforço de justificar perante o País uma politica de opressão e violência e de desprezo pela justa reivindicações e desejos expressos pelos estudantes.

Por outro lado, nesta ocasião grave, como em tantas outras, o País desconhece a verdade dos acontecimentos por ter sido impedida, através da Censura, a divulgação de todos os factos que se estão a passar nas Universidades do País, incluindo a simples noticia da demissão do Reitor e directores das Faculdades da Universidade Clássica de Lisboa.

Considerando os factos acima apontados, os signatários, escritores, jornalistas, artistas e outros elementos ligados à vida intelectual portuguesa decidem:

1) — Manifestar a sua inteira solidariedade aos estudantes universitários portugueses pela luta desassombrosa, justa e de autêntico interesse nacional que neste momento estão a travar pela autonomia da Universidade e prestar homenagem ao reitor da Universidade Clássica de Lisboa e directores da Faculdade pela dignidade da sua conduta.

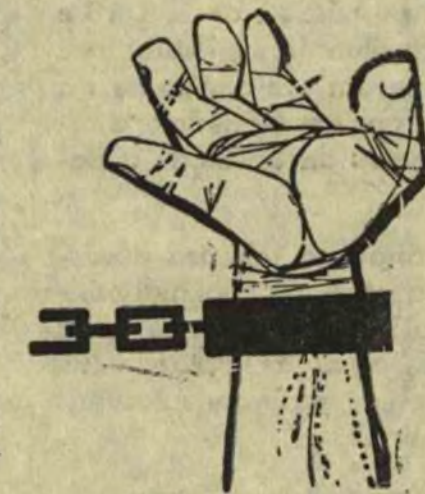
2) — Protestar, uma vez mais, contra a acção nefasta da Censura na vida nacional e reclamar a sua imediata abolição.

Este documento foi assinado por cerca de duzentos intelectuais, entre os quais:

AS) Ferreira de Castro, escritor; Aquilino Ribeiro, escritor; Bernardo Santarém, dramaturgo; Urbano Tavares Rodrigues, escritor e jornalista; Fernando Namora, escritor; Romeu Correia, escritor; Mário Cesariny de Vasconcelos, escritor; Artur Portela Filho, escritor; Alves Redol, escritor; Rogério Fernandes, ensaísta; Ulloano Nascimento, economista; Aleixo Ribeiro, escritor; Victor de Sá, ensaísta; José Cardoso Pires, escritor; João José Cochofel, ensaísta; Joel Serrão, ensaísta;

Adriano de Gusmão, critico de arte; Alexandre Cabral, escritor, Roberto Nobre, critico de arte; Manuel Mendes, escritor; Mário Soares, ensaísta; Assis Esperança, escritor; Jaime Brasil, escritor e jornalista; Fernando Azevedo, pintor; Luis de Sittau Monteiro, escritor; Luis Dourdil, pintor; Lurdes Norberto, actriz; João Perry, actor; Curado Ribeiro, actor; Canto e Castro, actor; Gina Santos, actriz; Carlos Wallenstein, actor; Costa Ferreira, actor; Rogério Paulo, actor; Tomás de Macedo, actor; Ruy de Carvalho, actor; Armando Cortez, actor; Clara Joana, actriz; Maria da Graça Amado da Cunha, pianista; José Fernandes Fafe, escritor; Augusto Abelaria, escritor; Manuel da Fonseca, escritor; Rogério de Freitas, escritor; José Gomes Ferreira, poeta; Manuel Villaverde Cabral, critico cinema; Lima de Freitas, pintor; Alvaro Salema, jornalista; Inês Palma, bailarina; Alfredo Noales Rodrigues, jornalista; Marcelino Mosquita, jornalista; Reis Cardoso, musico; Margarida Lopes Alves, artista plástica; João Corregedor da Fonseca, jornalista; Manuel Magro, jornalista; António Waldemar, jornalista; Dalila Rocha, actriz; Mário Jacques, actor; Rocha Júnior, jornalista; Manuel Alpedrinha, jornalista; Manuel Rodrigues de Oliveira, editor; Renato Boaventura, jornalista; José Tengarrinha, jornalista; Manuel Gomes de Almeida, médico; Nuno Teotónio Pereira, arquitecto; Vasco Vieira de Almeida, advogado; Leão Penedo, escritor; Manuel Tainha, arquitecto; António Freitas, arquitecto; Luís Vassalo Namorado Rosa, arquitecto; Conceição e Silva, arquitecto; Duarte Castelo Branco, arquitecto; Nuno Portas, arquitecto; Carlos Rafael, pintor; Hernani Candra, arquitecto; José da Costa Mendes, poeta; António Borge, escritor; Antunes da Silva, escritor; Dórdio Guimarães, escritor; Manuel de Azevedo, jornalista; Batista Bastos, jornalista; João Guedes, actor; Raul Solnado, actor; Luís de Campos, actor; Jacinto Batista, jornalista.

UM NOVO APELO CORRERA MUNDO



Esta mão, é este apelo, serão vistas muitas vezes, em muitos lugares pelos democratas portugueses.

APOIAR E AJUDAR A PRIMEIRA CONFERENCIA DOS PAISES DA EUROPA OCIDENTAL PARA A ANISTIA AOS PRESOS E EXILADOS POLITICOS DE PORTUGAL.

Enviai adesões, donativos ou quaisquer outras contribuições para a Rua Conselheiro Furtado, 191, S/2, Caixa Postal 4469 — S. Paulo.

PORTUGAL
DEMOCRATICO

Humberto Delgado dirige-se a Governos estrangeiros e a ONU

No passado dia 4 de maio, o general Humberto Delgado convocou a imprensa, para uma entrevista coletiva durante a qual fez declarações que pela sua importância foram transmitidas para o estrangeiro pelas principais agências telegráficas.

Na declaração entregue aos jornalistas, princípio o ex-candidato à presidência da República por afirmar:

"A Oposição, através dos seus elementos residentes em Portugal — os mais em contacto com as atividades da ditadura — acaba de fazer-me chegar a sua alíquota preo. cupação a respeito da criminosa herança que o atual Governo Português vai fazer cair sobre os sucessores no Poder. Apresenta-se tal herança bem dentro da fórmula "após moi le déluge", ao ir receber. se uma nação: internacionalmente desacreditada; financeiramente em ruínas — pelo esquema de Estado rico em País peuperrimo; económica e industrialmente no fundo da escada da Europa; politicamente agonizante, pois que durante trinta e seis anos foram cortados os direitos de expressão do pensamento e de absorção da cultura além fronteiras.

A preocupação referida estende-se aos compromissos financeiros internos e externos tomados pelo Governo para manter a sua política de violência, que reveste duas formas principais. Uma delas, interna, concerne à repressão policial, dos pontos de vista mental, intelectual e físico, da Nação. Outra, externa, à ação sobre as populações das colónias e súditos portugueses residentes no estrangeiro, do que sou o melhor exemplo, pois, embora exilado no Brasil, me encontro manietado para mover-me no Mundo, mercê da colaboração das democracias com a ditadura portuguesa. Por exemplo, não posso entrar em França nem em Itália, com a agravante de que os governos ou as polícias destes países nem têm a cortezia de me dizer por que, a despeito de ser um general da Força Aérea e escolhido pela Oposição para Chefe de Estado."

Recorda, a seguir, o general Humberto Delgado as circunstâncias em que foi esbulhado pelo ditador Salazar da vitória eleitoral alcançada em junho de 58 e acrescenta:

"A Oposição Portuguesa profundamente lamenta a posição inerte das democracias perante o Governo Português, por aquelas não usarem de suficientes meios de pressão no sentido de o levarem:

a) Acabar com a sua prática de requintada tortura mental e física, sobre os opositoristas ao regime ditatorial;

b) A cumprir as determinações da Declaração Universal dos Direitos do Homem, nomeadamente os artigos 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 8.º, 9.º, 10.º, 13.º, 14.º, 19.º, 21.º, 22.º, 23.º, 26.º, 28.º e 30.º;

c) A não privar os súditos portugueses dos direitos gerais de liberdade de expressão e agremiação, expressos nos artigos 8.º da Constituição Política da República Portuguesa, de 1933, direitos estes suspensos até ao ponto de atualmente existir prisão perpétua, o que é contra a letra da mesma Constituição;

d) A cumprir lealmente o que, implicitamente ou explicitamente, consta do preâmbulo do Tratado do Atlântico Norte de 4 de Abril de 1949.

Ainda em nome da Oposição, reitero a condenação da política colonial do Governo Português que desprezou a tendência contemporânea concernente aos povos sob domínio das potências europeias, descuro a preparação intelectual, técnica e política dos nativos, e pretendo resolver apenas por "manu militari" o problema das aspirações de tais povos no sentido da descentralização político-administrativa e auto-determinação sincera, com todas as consequências que possa arrastar no grau de dependência ou independência.

Outrossim, a Oposição verbera a incongruência das potências demo-

cráticas que levam a efeito ações de perseguição sobre os opositoristas portugueses que vivem no estrangeiro, quando elas o fazem só com base na sua condição de políticos quer aceitando as pressões do Governo Português, quer permitindo que agentes da referida PIDE exerçam a sua nefasta ação dentro dos territórios dessas potências.

Finalmente a Oposição declara solenemente que não reconhece quaisquer dívidas ou empréstimos, internos ou externos, que o governo português haja contraído, esteja contraindo ou venha a contrair, para imposição da sua política repressiva em quaisquer dos campos definidos acima.

E porque estas declarações representam o sentido da Oposição Unitária Portuguesa, e são feitas depois de se usarem os meios possíveis de auscultação de opiniões nas atuais tão difíceis circunstâncias em que Portugal chega a parecer sob domínio estrangeiro, apoiado num exército de ocupação que é o português. Hei por bem, solicitar solenemente a todos os governos estrangeiros, atualmente em relações diplomáticas ou até apenas comerciais com o governo português, que tomem na maior consideração moral, com todas as consequências executivas, a presente Declaração por representar ela a VONTADE DO POVO PORTUGUÊS."

Respondendo, no final, a várias perguntas dos jornalistas presentes, o general Humberto Delgado lamentou o "exodo que se vem observando de elementos revolucionários, pois não só fazem falta em Portugal, mas parte deles, sem meios nem profissão, constituem sério encargo para a Oposição no estrangeiro."

Comentando os insultos dirigidos à sua pessoa pela imprensa e rádio salazaristas por se haver avistado em Rabat com Mario de Andrade, presidente do Movimento Popular de Libertação de Angola acrescentou: "Quero lançar ao mundo esta declaração de que tomo responsabilidade: O sr. Salazar mandou mensagem verbal a Mario de Andrade para lhe falar em Lisboa. Era para o prender? Nesse caso, ignobil. Era para falar mesmo? Então copiava-me."

Aos concluir, depois de tecer comentários irônicos em torno das "satisfações" pedidas pela PIDE à polícia franquista por não o haver descoberto durante a sua passagem por Espanha, o general Humberto Delgado repetiu uma vez mais que a Oposição Portuguesa não se responsabilizaria pelos empréstimos contraídos pelo governo de Salazar no estrangeiro.

Cópias da Declaração foram enviadas ao Itamarati, Ministério da Justiça e Interior do Brasil, Secretariado Geral da ONU e Embaixadas e Legações.

O ato publico da UNE

Comprovando que o movimento de solidariedade à luta dos estudantes e trabalhadores portugueses se alastra a todo o Brasil, a União Nacional dos Estudantes promoveu no Rio de Janeiro, na semana seguinte à da solenidade realizada em São Paulo, um novo ato publico com identico objetivo.

A sessão efetuou-se na propria sede da UNE, na noite do dia 19 e decorreu toda ela em ambiente de extraordinaria vibração. Presidiu o embaixador Alvaro Lins e a seu lado tomaram lugar na mesa o general Humberto Delgado, o presidente da UNE, Aldo Silva Arantes; o presidente da União Fluminense de Estudantes, José Carlos de Almeida; o vice-presidente da UNE, Clemente Rosas; o jornalista Paulo de Castro, nosso companheiro de redação; o presidente da "Associação Humberto Delgado" dr. Luiz Carvalho; e os srs. Oliveira Pio, do "Movimento Nacional Independente" e Fernando Queiroga.

Usaram da palavra, discorrendo sobre o significado do ato o embaixador Alvaro Lins, os universitários Aldo Arantes, José Carlos de Almeida e Clemente Rosas, o nosso companheiro Paulo de Castro e o jornalista espanhol Manuel Ruiz Elizegui. O general Humberto Delgado fez uma exortação à juventude e denunciou a nova onda de terror policial contra a democracia, apresentando uma longa lista com os nomes dos últimos patriotas presos pelo aparelho repressivo da ditadura portuguesa.

Entre os documentos lançados na solenidade conta-se um apelo ao sr. Presidente da Republica do Brasil semelhante ao aprovado em São Paulo e em que os signatarios — o presidente e o vice-presidente da UNE e o presidente da União Fluminense de Estudantes — solicitam a intervenção do primeiro magistrado da Nação Brasileira a favor dos democratas cuja vida periga nas prisões salazaristas.

Foi também aprovado o envio de um telegrama aos presidentes das Associações Academicas de Coimbra, Lisboa e Porto assim redigido:

"Ciente da vossa luta e da causa justa que com tanta bravura vindes defendendo contra o fascismo salazarista, a UNE, em representação de 100.000 universitários brasileiros manifesta-vos todo

o apoio e solidariedade — Aldo Arantes, presidente da UNE.

APELO AO GOVERNO DO BRASIL

Assinado pelo presidente da UNE foi aprovado durante a sessão o seguinte apelo, a ser enviado ao Governo Brasileiro:

"Assistimos, nos dias que correm, ao impressionante fenómeno do fortalecimento, no seio das massas, do milenar anseio de liberdade. E parece ser o nosso século o destinado a caracterizar-se como a fase histórica da derrocada final das ditaduras exercidas contra os povos.

No entanto, em meio a esse comovente quadro de sacrificios e esperanças, ainda perduram obstinados, entre outros pequenos e anacrônicos regimes políticos, como verdadeiras células necrosadas a envenenar um organismo que se vivifica, os governos totalitários da Península Ibérica. E o nosso continente, que começa enfim a cumprir, de maneira irresistível, a sua incontável vocação de independência, assiste, impotente, à escravização da terra que lhe transmitiu, anos atrás, o valioso legado de sua cultura e de sua civilização.

Sabemos que, nos governos sombrios de Salazar e Franco, a violação dos direitos fundamentais do homem, das liberdades democráticas, das garantias mais elementares nas sociedades civilizadas é fato constante e sistematicamente presenciado. Não são apenas as medidas arbitrarias, levadas a cabo contra estudantes e trabalhadores, e fazendo brotar dos pontos mais distantes os veementes pronunciamentos de protesto, as que nos causam impressão. E' a opressão continuada, que mantém milhares de homens a apodrecer nos cárceres, a violência convertida em acontecimento diário e corriqueiro o motivo da nossa indignação e da nossa revolta.

Sabemos também que existem, na Organização das Nações Unidas, graves denúncias, apresentadas à consideração de todos os países, sobre a atual situação em que se encontram aqueles povos irmãos. Urge portanto que o problema seja levantado e debatido, o quanto antes.

Nosso apelo, neste momento, ao governo brasileiro, é feito no sen-

tido de que, reafirmando as posições de coragem e independência assumidas ultimamente, e já em várias oportunidades, possamos ser os primeiros a denunciar e acusar na ONU a violação repetida e ostensiva dos direitos humanos em Portugal e Espanha".

MANIFESTAM-SE LIDERES SINDICAIS DO ESTADO DO RIO

Os líderes sindicais do Estado do Rio de Janeiro em comovente manifestação de solidariedade aos trabalhadores portugueses remetaram também ao presidente fantoche da Republica de Portugal um memorial que foi lido entre aclamações durante a solenidade. E' o seguinte o texto desse importante documento:

Ilmo. Sr. PRESIDENTE DA REPUBLICA — PALACIO DE BELÉM, LISBOA — PORTUGAL

Excelência, os líderes sindicais, abaixo-assinados, representando mais de 100 000 trabalhadores do Estado do Rio de Janeiro,

PROTESTAM junto a V. exa. contra as violências policiais praticadas contra trabalhadores portugueses e povo em geral de que resultou o assassinato de vários trabalhadores, que, em seu país, pretendiam comemorar o dia 1.º DE MAIO, Data Universal do Trabalhador, reconhecida e festejada mundialmente.

A circunstância de ser a classe trabalhadora altamente sensível aos princípios de fraternidade e solidariedade universais, deve acrescentar-se a afinidade de nosso povo ao povo irmão de Portugal e, os profundos laços de amizade secular que unem nossos povos, de tradições e lingua comuns.

Por consequência, Sr. Presidente da República, está implícita neste Protesto, que a V. Exa. dirige os vários líderes profissionais, a irrestrita solidariedade dos Trabalhadores Fluminenses aos Trabalhadores e aos Estudantes Portugueses que, em seu país, lutam, ainda, pela conquista dos mais elementares direitos sindicais e associativos; por suas reivindicações mais sentidas; pelo direito de livremente comemorarem a Data Universal do Trabalhador e o Dia do Estudante, sem violências policiais nem massacres, enfim, pela conquista das liberdades democráticas.

Niterói, 19 de maio de 1962.

Assinam o documento: Almir Reis Netto, Presidente do Conselho Sindical dos Trabalhadores do Estado do Rio de Janeiro; Joaquim Pedro Mayrink Filho, Presidente do Conselho Sindical dos Trabalhadores de Niterói; José Morena Francisco Vilalba, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil de Teresópolis; Gabriel Alves de Oliveira, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil de Niterói; Waldemiro Paulino de Albuquerque, Secretário do Sindicato dos trabalhadores na Indústria dos Vestuários de Niterói; Waldemar Paz, Presidente da Associação dos Aposentados e Pensionistas do I.A.P.I.; Francisco Assis Bravo, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Nova Friburgo; Jaime Augusto Teixeira, Procurador do Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e Anexos de Niterói; Rafael Francisco de Almeida, Presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação do Estado do Rio; Leonel Ferreira da Silva, Representante do Sindicato dos Trabalhadores em Empresa de Carris Urbanos de Niterói junto a respectiva Federação; José Araújo de Carvalho, Presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria Textil dos Estados do Rio e da Guanabara; Walter Vianna, Segundo Secretário da Federação dos Trabalhadores na Indústria Textil dos Estados do Rio e da Guanabara; Manoel Fernandes, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil de Niterói e Nova Iguaçu; Jairo Mendes, Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Rio de Janeiro; Firmino Moura, Presidente do Sindicato dos Bancários de Niterói.

Ultima Hora A Marcha do Silencio

LISBOA - (Do correspondente) — Dando provas de sua firme determinação de prosseguir na sua luta contra a ditadura salazarista, os universitários de Lisboa realizaram ontem a anunciada "Marcha do Silencio".

Esse ato de rebelião contra a prepotência fascista efetuou-se no dia 31 de Maio e nela participou cerca de um milhar de estudantes que percorreram várias ruas da capital com

viários e Anexos de Niterói; Sérgio Amorim, Membro do Conselho Sindical dos Trabalhadores de Niterói; Ary Santos de Azevedo, Presidente da Associação dos Empregados em Empresas de Seguros Privados e Capitalização de Niterói; Amaro Gomes Henrique, Secretário do Sindicato dos Oficiais Barbeiros e Cabeleiros de Niterói; Altamyr Vimeney, Secretário do Sindicato dos Trabalhadores no Comércio Hoteleiro de Niterói; José Batista da Costa, Delegado no Estado do Rio do Sindicato dos Marinheiros; Djalma Prado de Lemos, Membro do Conselho Sindical dos Trabalhadores de Niterói; Rayll Peçanha, Tesoureiro do Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e Anexos de Niterói; Antonio Vicente, Presidente do Conselho Fiscal do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Energia Hidroelétrica do Estado do Rio de Janeiro; Manoel Mauricio Rodrigues, Primeiro Secretário do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Produtos Químicos para fins Industriais de Cabo Frio; Manuel Agualuza Junior, Segundo Secretário do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Produtos Químicos para fins Industriais de Cabo Frio; João Batista, Representante do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Produtos Químicos para fins Industriais de Cabo Frio; João Batista, Representante do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Produtos Químicos para fins Industriais de Cabo Frio; na respectiva Federação; Altamir Inacio de Oliveira, Tesoureiro nas Industrias de Produtos Químicos para fins Industriais de Cabo Frio; Lúcio Xavier de Almeida, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Empresa de Carris Urbanos de Niterói; Mario Ribeiro Serafim, Tesoureiro do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Carris Urbano de Niterói; Domínio José Costa, Secretário do Sindicato dos Trabalhadores em Empresa de Carris Urbanos de Niterói; Waldir Seixas Salles, líder de funcionários públicos; Jair Ferreira, Membro do Conselho Fiscal do Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e Anexos de Niterói; João Batista Lobo Sarmet, Membro da Representação Profissional na Junta de Julgamento e Revisão do I.A.P.E.E.S.P., (12.a D.A.); Ivo dos Santos Amaral, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Carris de Porto Alegre; Lourival Pinto Garcia, Vice-Presidente do Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e Anexos de Niterói; Rafael Francisco de Almeida, Presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação do Estado do Rio; Leonel Ferreira da Silva, Representante do Sindicato dos Trabalhadores em Empresa de Carris Urbanos de Niterói junto a respectiva Federação; José Araújo de Carvalho, Presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria Textil dos Estados do Rio e da Guanabara; Walter Vianna, Segundo Secretário da Federação dos Trabalhadores na Indústria Textil dos Estados do Rio e da Guanabara; Manoel Fernandes, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil de Niterói e Nova Iguaçu; Jairo Mendes, Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Rio de Janeiro; Firmino Moura, Presidente do Sindicato dos Bancários de Niterói.

o objetivo de protestar contra a detenção de um dos seus companheiros. Cinco estudantes foram detidos durante a "marcha". Os manifestantes dirigiram-se para o Ministério da Educação tendo-se registrado, no percurso, numerosos choques com a Policia que, agindo com a habitual violência, feriu vários estudantes. A indignação popular diante das brutalidades do aparelho de repressão é muito grande.

O Brasil solidário com a luta heroica dos Estudantes e Trabalhadores Portugueses

Entre as grandes jornadas de solidariedade a Portugal — ao Portugal que luta pela democracia contra o fascismo — a da noite de 11 de Maio de 1962, em São Paulo, merece um lugar à parte. Não poderá ser esquecida. Seu ambiente não se descreve. A assistência vivia os acontecimentos de um dia de combate em Lisboa, estava pendente das notícias que chegavam pelo telefone das redações dos jornais.

Nas paredes do Sindicato dos Bancários viam-se pendurados os jornais da tarde com manchetes alusivas à luta dos estudantes portugueses, cobrindo meia página. Mais acima havia faixas. Seus dizeres — dizeres que refletiam a emoção com que a juventude do Brasil acompanha a agonia do salazarismo — eram legendas de combate. "Portugal, Sim! Salazar, Não!" "Paz em Angola! Abaixo o colonialismo" "Liberdade para Portugal!" "Anistia Presos Políticos Espanha e Portugal". "Estudantes Paulistas com Portugal, contra Salazar". "Trabalhadores Paulistas saudamos combatentes jornada heroica do 1.º de Maio em Portugal!" "Nem Salazar, nem Salazarismo sem Salazar".

Quatrocentas, quinhentas pessoas — quantas cabiam no salão — eram um mar encapelado de emoções. Estudantes, trabalhadores, brasileiros que ao comparecerem ao ato publico de solidariedade a seus companheiros de Portugal não se representavam apenas a eles próprios, mas aos sentimentos fraternais do Brasil inteiro para com a luta heroica dos operários, dos estudantes e dos camponeses de Portugal. Uma noite inesquecível, comovente, em que o Brasil dialogou com Portugal, dizendo-lhe o que pensa do seu presente e das esperanças que deposita no seu futuro.

A mesa que presidiu ao Ato Publico tinha a seguinte constituição: Maurício Vasconcelos Pinheiro, presidente da União Estadual dos Estudantes; Joaquim Soares e Luis de Almeida, pelo Centro Academico XI de Agosto da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo; Sylvio Band, pelo Grêmio da Escola Politécnica; Carlos Roberto Garcia, pelo Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e como secretário geral do Diretório Central dos Estudantes da U.S.P.; Pedro Iovini, presidente do Sindicato dos Empregados Bancários; João Louzada, secretário do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil e Vereador; José Oliveira e Silva, diretor do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Gráficas; Luiz Firmino de Lima, presidente do Sindicato dos Textéis de São Paulo; Lyndolpho Silva, presidente da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil; Plínio Pimenta, pela Liga Camponesa de São Paulo. Como convidados, ocuparam também lugar na mesa as seguintes personalidades que compareceram por se identificarem com a finalidade do Ato: General Humberto Delgado; deputados Cid Franco, Germinal Feijó e Jethero Faria Cardoso; Mario Schemberg; professor universitário; D. Maria Prestes Maia, esposa do Prefeito de São Paulo; Febus Gikovate, presidente da Comissão Executiva do Partido Socialista Brasileiro; Rolando Roque da Silva, da União Brasileira de Escritores; Jamil Almansur Haddad, escritor; Dra. Dolores de Mello e Vassão, secretária geral da Comissão Cordenadora Pró-Anistia para os Presos e Exilados Políticos de Espanha e Portugal; Dr. Murillo de Mello, da mesma Comissão; e Comandante João Sarmento Pimentel.

HOMENAGEM AOS MORTOS

Ao declarar aberta a sessão, o sr. Maurício Vasconcelos Pinheiro recordou a importância e o significado do ato, sublinhando que encontrando-se ali todos para hipotecar a solidariedade dos estudantes e dos trabalhadores do Brasil aos estudantes e trabalhadores de Portugal, era de justiça, antes do mais, lembrar os companheiros que haviam ficado pelo caminho, assassinados nos cárceres da PIDE ou liquidados, durante a luta, pelo aparelho de repressão do fascismo português. Sugeriu porisso que os presentes observassem um minuto de silêncio, como homenagem da juventude e do proletariado paulista a todos os portugueses sacrificados no combate pela liberdade ao longo dos últimos 36 anos. Com os olhos postos na faixa que encimava a mesa de trabalhos — PORTUGAL, SIM! SALAZAR, NÃO — a grande assistência que enchia o salão ergueu-se e prestou, comovida, a homenagem simbólica aos heróis da luta anti-fascista.

A ADESAO DE RUY LUIS GOMES

Foi depois lido um telegrama dos democratas portugueses de Recife associando-se aos objetivos do ato. Assinavam a vibrante mensagem o Prof. Ruy Luis Gomes, ex-candidato à Presidência da Republica, Prof. José Morgado, e outros anti-salazaristas residentes em Pernambuco.

A VIBRANTE SAUDAÇÃO DOS BANCÁRIOS

Usou, em seguida, da palavra o sr. Pedro Iovini, em nome do Sindicato dos Empregados Bancários. O orador, depois de historiar em breves palavras o que tem sido o apoio dos trabalhadores brasileiros aos seus camaradas portugueses salientando o significado das campanhas pela anistia dos presos políticos, condenou com veemência os métodos repugnantes e desumanos do regime policial de Salazar e manifestou a sua comovida admiração pelo heroísmo com que o

povo português vem respondendo às tentativas de esmagamento a que é submetido pelo fascismo. "Nessa luta permanente e heroica — afirmou — os mortos e feridos são incontáveis. Mas nós os saudamos como combatentes de uma grande causa. As lutas pela liberdade deixam sempre um rasto de mortos e feridos. Tem um preço alto. Mas os que lutam pela liberdade saem invariavelmente vencedores. Os trabalhadores de Portugal, que tão generosamente têm derramado seu sangue no combate ao fascismo, não ignoram que a vitória, a maior das vitórias os espera".

Prosseguindo, o sr. Pedro Iovini manifestou a certeza da próxima libertação de Portugal, dizendo antever já o fim do pesadelo salazarista e a substituição do terror policial por uma era democrática em que estudantes, operários, camponeses e intelectuais, todos irmãos da mesma ansia de progresso e paz, colaborariam fraternalmente na edificação de um Portugal capaz de reocupar o seu lugar no convívio das nações. Os acontecimentos do 1.º e do 8 de Maio traziam-lhe a certeza de que esse dia estava bem próximo. E com ele o regresso dos emigrados, dos mestres e intelectuais portugueses, espalhados pelos quatro cantos do mundo, e o regresso à liberdade de cátedra, a um desenvolvimento harmonioso da cultura, tornando-a acessível a todos os cidadãos. E, entusiasticamente aplaudido concluiu afirmando:

"Não tardará o dia em que os trabalhadores e estudantes de Portugal possam comemorar com uma passeata gigantesca a queda de Salazar. E liquidada a ditadura fascista eu acredito, companheiros, que o povo português lançará as bases de um regime progressista que confirme o "slogan" que leio nas paredes desta sala "Nem Salazar, Nem salazarismo sem Salazar"!

AS MULHERES DE PORTUGAL

A universitária Assunção Hernandez Peres dirigiu, depois, uma

saudação às mulheres portuguesas conclamando-as a prosseguir na luta anti-fascista com a determinação de que vêm dando provas e que todo o Brasil respeita e admira. Havia, porém, aspectos dessa luta que só eram muito superficialmente conhecidos. Por isso fazia questão de aproveitar um ato publico como aquele, de repercussão nacional e internacional, para ler alguns trechos de cartas de companheiras portuguesas, escritas das prisões salazaristas e que espelhavam bem os horrores de tais infernos e a coragem imensa das vítimas aí submetidas às mais abjetas torturas.

A leitura das referidas cartas causou, como era de esperar, intensa emoção na sala. E no final ouviu-se uma ovação diferente das demais, que trazia nas suas palmas uma solidariedade pungente, a transbordar de emoção e respeito, uma ovação que não acabava

O APOIO DA FLN

O presidente da sessão informou, a seguir, que a Frente de Libertação Nacional por intermédio do deputado Germinal Feijó, presente na sala, comunicava a sua adesão e apoio aos objetivos daquele ato publico. Os dirigentes nacionais da FLN — o governador Leonel Brizola, do Rio Grande do Sul; o governador Mauro Borges, de Goiás; o prefeito de Recife, Miguel Arrais; o estudante Aldo Arantes, presidente da União Nacional dos Estudantes; e os deputados Barbosa Lima Sobrinho e Bento Gonçalves — sentiam-se plenamente identificados com a luta travada pelos estudantes e trabalhadores portugueses. E em sua mensagem acentuavam que não lhes faltariam com todo o apoio nessa reta final da famigerada ditadura fascista. O movimento alastrava pelo país e povo de Portugal podia estar certo de que tudo seria feito para ajudá-lo até que seja eclipsada a figura do tirano".

A notícia da adesão da FLN constituiu um dos momentos mais altos da memorável solenidade. Quando a assistência tomou conhecimento de que líderes nacionais com o prestígio popular de Leonel Brizola, Miguel Arrais e Mauro Borges atacavam tão frontalmente a ditadura salazarista, o entusiasmo no vasto salão atingiu proporções indescritíveis.

TELEGRAMA A ACADEMIA DE COIMBRA

Falou depois o estudante Joaquim Soares, orador oficial do Centro Academico XI de Agosto, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Um discurso breve, mas expressivo. Filho e neto de portugueses, era com o sangue e com o espirito que participava do ato. Conhecia Portugal Estivera ali. Vira de perto a odiosa face do regime salazarista. A realidade era pior do que todas as imagens. Daí a sua identificação da identificação total do XI de Agosto com a luta de seus companheiros portugueses. Estudantes e trabalhadores constituíam partes de um todo unico, de uma mesma essência. Em Portugal como no Brasil. E as lutas de Lisboa, do Porto, de Coimbra, eram assim, lutas que o Brasil inteiro acompanhava com emoção. De uma coisa estava certo: a libertação de Portugal não podia tardar!

Outro universitário, membro da direção do XI de Agosto, Luis G. S. de Almeida, propôs, depois, à assembléa que fosse enviado à Direção da Associação Academica de Coimbra o seguinte telegrama:

Homenagem aos mortos: um minuto de silêncio!

"Presidente Associação Academica Coimbra — Portugal

Estudantes e operários paulistas reunidos em ato publico de solidariedade à heroica conduta da juventude e dos trabalhadores de Portugal nos dias 1.º e 8 de Maio manifestam esperança de próxima libertação, saudando a Academia unida em torno da diretoria da Associação".

O texto foi aprovado entre aclamações.

O representante da Politécnica, Sylvio Band, procedeu, depois, a convite do presidente da sessão, à leitura de Mensagem dos Estudantes e Trabalhadores do Brasil aos seus colegas portugueses, cujo texto integral publicamos em outra página desta edição.

Foi, então, anunciada a presença na sala de um representante da delegação brasileira ao Festival Mundial da Juventude que se realizará brevemente em Helsinquia. Numa curta intervenção, esse moço, o universitário Ricardo Bandeira, comunicou a adesão de seus companheiros aos objetivos do ato e acrescentou que o grupo levantaria no grande conclave da capital finlandesa o angustioso problema da juventude portuguesa em luta com o odioso aparelho de repressão fascista. E para que a assistência tivesse uma idéia mais nitida acerca da forma pela qual seria colocada a questão, apresentou em mímica, o final do "sketch" A Liberdade de falar em Portugal que será representado em Helsinquia para os jovens de todo o mundo. Foi esse o unico momento em que, durante a noite a emoção deu lugar ao riso...

Walter Genovese, presidente do Centro Academico XXV de Janeiro, da Faculdade de Farmacia e Odontologia, da Universidade de São Paulo, leu, depois o seguinte manifesto de solidariedade aos estudantes e operários portugueses:

"O Centro Academico XXV de Janeiro, órgão representativo da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo, vem por por este meio tornar publico o seu protesto, em virtude dos acontecimentos degradantes verificados no 1.º de Maio, em Portugal, envolvendo estudantes e trabalhadores em luta com a policia. Por outro lado, esta entidade academica manifesta a sua completa solidariedade para com nossos irmãos de sangue da mãe pátria, Portugal, nesta luta pela conquista de um ideal tão elevado".

FALA O REPRESENTANTE DOS MARCENEIROS

Subiu, a seguir, à tribuna o representante do Sindicato dos Marceneiros, Lazaro Maia. O orador principiou por dizer da imensa satisfação com que os operários paulistas acompanhavam os acontecimentos em Portugal, solidários com a heroica luta do povo pela

libertação do regime de Salazar. Tão monstruosa era, aliás, a ditadura fascista que não se contentava com os inomináveis sofrimentos impostos ao povo português, levando também a morte, em Africa a dezenas de milhares de angolanos. Nada menos de 50 bilhões de cruzeiros custara em menos de um ano a guerra colonialista desencadeada por Salazar em Angola. 50 bilhões para levar a morte a um povo que lutava pela autodeterminação, 50 bilhões tirados do suor e do trabalho dos portugueses. Animava-o, porém, a certeza de que estava bem próximo o dia da libertação final. Salazar, com o seu comparsa Franco, tinha os dias contados. Entretanto, era dever do Brasil colaborar mais ativamente na luta dos operários e estudantes portugueses. Cumpria-lhe levantar na ONU, e sem subterfugios, o problema da escandalosa violação, em Portugal, dos direitos fundamentais da pessoa humana. O governo do Brasil, no momento em que o povo português lutava nas ruas com tão magnifica coragem, não podia furtar-se a esse dever.

PALAVRAS DO DELEGADO DA ESCOLA POLITÉCNICA

O representante da Politécnica Sylvio Band, começou por salientar que era com um mixto de tristeza e jubilosa esperança que se dirigia aos estudantes e operários presentes — incerteza, pois mais uma vez poderiam as forças de repressão do fascismo abafar o movimento; e esperança já que a nova demonstração de patriotismo viril do povo português tornava mais patente que o salazarismo tinha seus dias contados. Frisou a seguir, que com aquele ato publico se iniciava nova etapa nas atividades de quantos no Brasil apoiam a causa dos patriotas portugueses. O povo brasileiro — afirmou — não só acompanha emocionado o que acontece em Portugal, mas também conhece detalhadamente os nomes dos que combatem a causa do fascismo morreram ou padecem sofrimentos nos cárceres salazaristas. E acrescentou: "Apesar disto, temos um papel imediato a desempenhar nos dias que correm. É a pressão sobre o governo brasileiro no sentido de intervir junto ao governo de Portugal para que sejam concedidas condições mais humanas aos presos e que cessem as mortes dentro das prisões". Depois de relembrar importantes posições do governo brasileiro, sobre tudo no tocante ao problema colonial, e particularmente Angola, o orador leu a carta que publicamos em outro lugar, endereçada ao sr. Presidente da República do Brasil.

Prosseguindo, aludiu com vibração à luta dos estudantes e dos trabalhadores e definindo o papel da classe operária lembrou as tarefas essenciais que lhes cabiam na derrubada do regime e para além dela. Os que na escala social criada por uma ordem injusta — disse — estão em último lugar, serão amanhã os primeiros. Não



Homenagem aos mortos: um minuto de silêncio!

**PORTUGAL
DEMOCRATICO**



via a revolução para a derrubada de Salazar como propriedade dos que se diziam anti-salazaristas. A expressão desligada de posições corretas, nada significava aos olhos da mocidade e dos operários do Brasil. Importava saber distinguir a verdadeira da falsa oposição. A Revolução portuguesa não poderia ser compreendida por quantos desejavam um salazarismo sem Salazar. Esses eram falsos oposicionistas, adversários da unidade magnífica de que os estudantes e os trabalhadores lavam provas em jornadas inesquecíveis. Os rasgos de audácia, por mares e ares, nada adiantavam se não fossem acompanhados de ações de massas e de uma perspectiva progressista aberta sobre o futuro.

E o moço orador fez questão de sublinhar que, felizmente, a posição do General Humberto Delgado lhe parecia atender às realidades do momento histórico vivido pelo povo de Portugal. Ainda na véspera, ao convidá-lo para comparecer aquele ato, lhe perguntara em conversa informal se era favorável à luta travada pelo povo de Angola pela sua completa independência. E tivera a satisfação de ouvir uma resposta afirmativa sem a menor restrição. De outro modo, aliás, ter-lhe-ia dito francamente que o considerava errado. A juventude brasileira era irreduzivelmente anti-colonialista. Daí o seu entusiástico apoio aos homens que lutavam em Portugal com a firmeza e a coragem dos autênticos revolucionários. Na América Latina, depois de um sem número de revoluções frustradas houvesse, finalmente uma revolução autêntica.

Um sopro de liberdade varria o mar das Caraíbas. Uma pequena ilha impunha-se ao respeito do mundo. Era o que a juventude estudantil e operária do Brasil desejava para Portugal: uma revolução profunda e não a simples substituição de uma oligarquia por outra.

Seu desejo maior era que chegasse breve o dia em que no Brasil se pudesse afirmar com orgulho: Portugal, território livre da Iberia!

Frequentemente interrompido pelos aplausos, Sylvio Band ouviu, no final do seu discurso uma prolongada e calorosa ovação.

APELO A UNIDADE

João Louzada, falando em nome dos Sindicatos dos Trabalhadores da Construção Civil, foi o orador que se seguiu. Seu discurso foi todo ele um apelo à unidade. O simples fato de Salazar se manter no poder há 34 anos era, só por si, a prova de que conseguira durante muito tempo dividir os combatentes anti-fascistas. De outro modo, teria sido apeado há muito. O divisionismo instalado nas fileiras da oposição permitira a Salazar escravizar o povo de Portugal. Da maneira que todos conheciam, praticando os crimes que o colocavam na galeria dos piores inimigos do gênero humano. Mas a unidade ao fim e ao cabo, era uma realidade, uma realidade magnífica

forjada no calor das lutas populares. Devia, portanto, fazer-se tudo para a reforçar e nada para a enfraquecer. O objetivo do povo português, no momento, era só um: a derrubada imediata do ditador e da oligarquia que o sustentava no poder. Depois, viria o resto. A classe operária brasileira tinha confiança nos trabalhadores de Portugal. Estava certa de que os operários, os estudantes e os camponeses de Portugal, alcançado esse primeiro objetivo — o mais difícil — saberiam lutar pelos demais e edificar, então, um regime realmente democrático. O fim do colonialismo marcaria o termo de uma era. E Portugal poderia então conviver fraternalmente com os povos de suas antigas colônias transformadas em nações plenamente soberanas, marchando a seu lado, na luta pela paz e pela prosperidade da Humanidade. E João Louzada concluiu pedindo um viva para a Frente Unica dos Trabalhadores, Estudantes, Camponeses e Intelectuais de Portugal contra a ditadura. A sala secundou-o com enormes entusiasmos.

PALAVRAS DO REPRESENTANTE DA FAC. DE FILOSOFIA

Usou, depois, da palavra Carlos Roberto Garcia, pelo Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, que fez o elogio entusiástico da juventude e dos trabalhadores de Portugal. Evocou as lutas decisivas que se estavam travando em todo o país e a unidade que lhes servia de suporte, tão admiravelmente expressa na prisão, horas antes, de 1.300 estudantes em Lisboa.

Mais adiante disse: o esforço heróico e empolgante dos estudantes e dos trabalhadores de Portugal não podia ser capitalizado em proveito próprio pela minoria egoísta de oportunistas e argentários que em Portugal esperava manter os seus privilégios. A classe operária, os camponeses e os estudantes, unidos a todo o povo, constituíam a melhor garantia de que ao fascismo não sucederia um "salazarismo, sem Salazar". E concluiu a sua intervenção, entre aplausos, hipotecando a solidariedade dos estudantes do Brasil ao povo português, que luta pela sua libertação.

FALA CID FRANCO

A convite do presidente da sessão, falou, em seguida, o deputado Cid Franco, candidato do Partido Socialista Brasileiro ao governo do São Paulo. Foi de todas as intervenções a mais breve, mas uma das que mais emoção despertou entre a assistência.

"Não desejo discursar — principiava — porque há nesta sala outros deputados e o ato é dos estudantes e trabalhadores. Quero apenas fazer um voto. Que aquela faixa — Nem Salazar, Nem salazarismo sem Salazar —, que tão bem exprime os anseios do povo do Brasil, seja brevemente confirmada pelos acontecimentos em Portugal. E faço esse voto por

que não acredito na democracia em que vivemos. Por isso desejo outro tipo de democracia para Portugal. Devemos derrubar a ditadura de Salazar e derrubar a ditadura econômica de todas as falsas democracias."

E, terminando, apontou o exemplo do triunfo da democracia num país de seis milhões de habitantes "Antes — disse — o que havia em Cuba, eram bordeis e cassinos para satisfação dos turistas americanos. Tal como em Portugal, que continua a ser um quintal do imperialismo americano! Por isso acompanhamos emocionados as lutas que o seu Povo trava contra o fascismo. Desejamos que Portugal se transforme numa democracia autêntica."

O DISCURSO DO PRESIDENTE DA UEE

Encerrou a série de discursos o presidente da União Estadual dos Estudantes, Maurício Vasconcelos Pinheiro. Começou por acentuar que pertencia a uma geração que crescerá e se formará enquanto a humanidade se desgastava na fogueira de uma guerra que, todos os esperavam, devia extinguir o fascismo da face da terra. Mas as sementes do mal ficaram e germinaram novamente. Chega-se à penosa conclusão de que de nada valeu o sacrifício de 20 milhões de seres humanos. A internacional fascista forma-se, de novo, em todo o mundo, toma força, ressurge arrogante. De um lado, os vestígios antigos — Salazar, Franco, — de outro, os rebentos: os gorilas na Argentina, o MAC brasileiro os generais hitleristas na OTAN, os movimentos revisionistas alemães, a repugnante OAS, os Somozas, Ydigoras Fuentes, Stroessner e quejandos, as organizações para-fascistas da Bélgica, da Itália, etc. Um panorama desolador. E que era em síntese o fascismo, hoje em dia? A única saída encontrada pela ala mais reacionária da burguesia internacional para perpetuar os seus privilégios. Portugal era um exemplo convincente e doloroso dos resultados a que conduzia o fascismo. O nível de vida mais baixo da Europa, a maior taxa de analfabetismo, um índice de mortalidade alarmante e algumas das maiores fortunas da Europa... Culturalmente, o país caíra da maneira mais lamentável. Seus intelectuais andavam espalhados pelo mundo, os estudantes atulhavam as prisões.

Como presidente da UEE compreendia e sentia de modo particular os problemas da classe estudantil. A ausência das franquias democráticas era, só por si, uma razão de luta para todo o estudante consciente. Se no Brasil a classe luta pelas reformas de base, em Portugal luta pela libertação do jugo fascista. E como? Com um heroísmo que estava comovendo o povo brasileiro. Não havia aparelho de repressão, não havia violências capazes de conter esse movimento admirável dos estudantes portugueses. O salazarismo estava agonizante. Numa Angola, onde apenas 0,3% da população africana tinha direitos de cidadania, ordenara o massacre de 50.000 pa-

triotas. Em Lisboa acabava de prender 1.200 estudantes. Era a agonia. Uma agonia que podia prolongar-se mas que denunciava já o estertor final. Como presidente da União Estadual dos Estudantes, e correspondendo aos sentimentos de solidariedade da juventude universitária paulista para com seus companheiros portugueses, daria continuidade aos

A Mesa que presidiu aos trabalhos no ato publico do dia 11.

objetivos daquele ato publico iniciando imediatamente diligências para a decretação em São Paulo de uma greve simbólica de apoio aos estudantes de Portugal. Uma grande ovação quase abafou suas ultimas palavras.

NO SINDICATO DOS GRAFICOS

Queremos a queda de Salazar e Franco!

Cinco dias após o grande ato publico do dia 11, isto é, na noite de 16, realizou-se em São Paulo nova e impressionante manifestação de solidariedade aos trabalhadores e estudantes portugueses, alargada desta vez aos combatentes anti-fascistas espanhóis. A sessão, promovida pelos sindicatos, efetuou-se no salão nobre do Sindicato dos Gráficos, sob a presidência do seu presidente, o deputado Rocha Mendes Filho. A seu lado, na mesa, tomaram lugar os deputados Salvador Romano Lossaco, Cid Franco, Farabulini Junior e Germinal Feijó; Remo Forli, presidente do Sindicato dos Metalurgicos, Pedro Iovini, Presidente do Sindicato dos Bancários; João Louzada, secretário do Sindicato dos Trabalhadores na Industria da Construção Civil; Lázaro Maia, Diretor do Sindicato dos Marceneiros; Lindolfo Silva, presidente da ULTAB; D. Dolores Vassão, da Comissão de Anistia para os Presos e Exilados Políticos Portugueses e Espanhóis; Vendrel, do Centro Democrático Espanhol; Antonio Guardiola, representante da oposição democratica espanhola; Walter Cid Franco; e o operário português Lenine Alexandre.

Sobre o significado do ato usaram da palavra Remo Forli, Lindolfo Silva, Lázaro Maia e os deputados Cid Franco, Germinal Feijó e Salvador Lossaco.

Antonio Guardiola, falando em nome dos espanhóis presentes, salientou a importância do momento historico vivido pelo povo da Espanha e enalteceu o espirito unitário que hoje anima a esmagadora maioria dos homens que lutam pela derrubada do regime franquista. Ao concluir, afirmou que o que se está passando em Espanha é o começo de uma revolução dramática e lembrou que apesar da confiança que a luta dos trabalhadores do seu país inspira, faz falta um grande movimento de solidariedade internacional e, de modo especial, de solidariedade operária.

O operário Lenine Alexandre, em nome dos portugueses, fez um historico da participação da juventude nas lutas anti-fascistas, acentuando que a combatividade ultimamente revelada assenta na maturidade politica das massas trabalhadoras e estudantis. Recordou que ser trabalhador em Portugal significa escravidão, fome e desemprego. Calorosamente aplaudido pela assistência, expôs a dramática situação em que vive o

proletariado português, citando fatos e estatísticas. Aludiu ainda à posição da Igreja em face do regime e fez um tremendo libelo contra o colonialismo e suas ligações com o imperialismo. E concluiu afirmando:

"Na qualidade de trabalhador português, trago-vos este apelo e a eterna gratidão dos trabalhadores e do povo de Portugal pela ajuda que tendes dado na luta pela libertação do nosso País".

Em sua intervenção, o deputado Germinal Feijó, falando em nome da Comissão Coordenadora pela Anistia dos Presos e Exilados Políticos Espanhóis e Portugueses, afirmou ter-se entrado numa fase em que nenhum trabalhador, especialmente nos países de origem hispanica, podia permanecer alheio a luta admirável e heroica dos operários e camponeses e dos estudantes de Portugal e Espanha. A assistência correspondeu com uma imensa ovação, num dos momentos mais altos da noite.

ALGUMAS RESOLUÇÕES

Antes de se entrar na discussão e votação das resoluções, o deputado Rocha Mendes Filho desencadeou autêntica tempestade de aplausos ao declarar "QUEREMOS A QUEDA DE SALAZAR E DE FRANCO!" E no mesmo ambiente de indiscreto entusiasmo fez um apelo aos estivadores e portuários de todo o Brasil para que boicotem — a exemplo de 1946 — todos os navios espanhóis e portugueses entrados em portos nacionais, solidarizando-se desse modo com a luta dos trabalhadores dos dois países peninsulares.

Sugeriu também, no que foi apoiado por outros oradores, que se insistia na entrega de protestos e abaixo assinados nas embaixadas e consulados de Portugal e Espanha.

Outra resolução aprovada, sob proposta de Pedro Iovini, diz respeito ao lançamento de uma grande campanha nacional para recolha de fundos destinados aos trabalhadores portugueses e espanhóis em luta contra o fascismo.

As resoluções do Conselho Ibero-Americano pela Anistia, aprovadas na recente reunião de Porto Alegre foram lidas e aplaudidas com o maior entusiasmo.

O resto da sessão foi dedicado à organização de novo e gigantesco ato publico de solidariedade a Portugal e Espanha, a realizar-se no cinema Paramount, na manhã do dia 27.

Coimbra: A resistencia dos Estudantes

COIMBRA, Maio (Do nosso correspondente) — Desde o dia 8 em que o Ministro da Educação decidiu nomear uma comissão administrativa para a Associação Académica, depois de ter demitido a diretoria eleita, Coimbra vive em ambiente de guerra civil.

Só se vêem policiais e carros de assalto por toda a parte. Nenhum estudante aceitou fazer parte da referida comissão administrativa. Os estudantes convocaram assembleias magnas e resolveram fazer a marcha do silêncio. Nesse dia memorável, quando desciam a Rua Alexandre Herculano, em perfeita ordem, para se dirigir à Praça da República, foram surpreendidos por um fosso, cavado, no final da rua, pelas brigadas de choque da policia que ali estavam enfileiradas com metralhadoras.

Face à morte que os esperava, resolveram os estudantes enfrentar os fuzis e metralhadoras, sentando-se à trincheira. Era um mar de cabeças unidas, um silêncio sepulchral.

A população da cidade, ao tomar conhecimento da iminência do massacre, mobiliza então toda a espécie de viaturas e dirige-se para o local da manifestação. Filas e filas de automóveis passam e os seus ocupantes gritam saudações de encorajamento aos estudantes.

O comandante das forças policiais desesperado com a atitude dos estudantes pediu para dispersarem. Recebeu uma resposta plena de dignidade: só sairiam dali para a sede da Associação Académica, onde esperariam o resultado dum entrevista que a direção pedira e fora negada — ao Governador civil. E as autoridades tanta firmeza e coragem viram naqueles milhares de rostos que foram obrigadas a aceitar a reclamação. Transigiram.

Reunidos em Assembleia Magna decidiram os estudantes não realizar a "queima das fitas" e aguardar, em assembleia permanente, a resposta do Governador Civil que, nesse momento, se encontrava em contacto com o Ministro da Educação.

A resposta do Governador veio: "nada tinha a ver com o assunto e informava que, por ordem do governo, nenhuma autoridade os receberia ou atenderia".

Entretanto, todos os organismos academicos se demitiram.

Na tarde do dia 9 soube-se que as forças policiais se preparavam para assaltar a sede da Associação Académica. Mais de 1.200 estudantes barricaram-se e permaneceram toda a noite em vigília.

Na manhã do dia 10, alguns estudantes saíram da associação para o pátio da Universidade a fim de pedirem a ajuda dos professores que iam chegando. Quando o Reitor viu o pátio cheio de estudantes e professores que com estes se solidarizavam, chamou a policia de choque.

Perante essa traição alguns estudantes arrombaram a porta da Torre da Universidade, puzeram no mastro uma capa a meia haste, em sinal de luto, e começaram a tocar os sinos a rebate.

Alguns professores, entre eles os Drs. Paulo Quintela e Ferrer investiram contra o Reitor, exigindo que mandasse retirar a policia. Foi então que, animados pela solidariedade dos professores, os estudantes valeram o Reitor e expulsaram as forças policiais. Posteriormente, chegam reforços de Lisboa, com ordens para arrombar portas e usar de toda a violencia para desalojar os estudantes da sua sede. Perante a iminência do massacre, 4 professores e o Reitor dirigem-se à Associação para parlamentar. Os estudantes negam a entrada ao Reitor mas consentem em negociar com os professores que lhes haviam prometido ajuda na sua luta contra o governo e garantido o direito de se reunirem, sem a presença de policiais, no Campo de Santa Cruz.

A saída dos estudantes da Associação constituiu um espetáculo inolvidável: choros, desmaltos, gritos, etc.

Só o Reitor sorria, abjetamente. Apoiada pelos professores, a luta continua pela satisfação das seguintes reivindicações:

— Eleições livres para a Associação (a Diretoria demitida está no termo do seu mandato).

— Garantia de posse para os eleitos;

— Restituição dos direitos roubados à Associação;

— Suspensão da proibição da "Via Latina"

— Anulação dos processos instaurados à Direção da Associação e a alguns estudantes;

— Libertação dos estudantes presos em todo o País.

Porto cidade ocupada

PORTO, Maio (do nosso correspondente) — O terror fascista foi de novo experimentado pela gente do Porto.

No dia 8 de Maio, às 17 horas já toda a Praça e ruas anexas, até grande distância do centro, eram ocupadas por forças policiais fortemente armadas de pistolas, carabinas e metralhadoras. Além destas forças regulares de policia as "brigadas de choque" apresentaram-se com capacetes de aço, bombas lacrimogeneas e morteiros. Carros com alfalantes e muitas camionetas especiais com que estão agora munidos para transporte rápido.

Milhares e milhares de policiaes evacuaram o centro da cidade, impedindo os transportes de lá chegarem. Às 19 horas, toda essa zona era um deserto silencioso. Alguns transeuntes, circulando pelos passeios, não podiam sequer parar para ler um anúncio.

Os cafés foram também evacuados.

Em Lisboa o ambiente de luta chegou a tomar aspectos insurreccionais.

Na rua da Madalena as forças policiaes foram obrigadas a recuar perante a chuva de pedras, arrancadas da calçada, que lhes eram atiradas aos gritos de "MORRA SALAZAR...", "TEMOS FOME", etc. Os populares chegaram a fazer frente aos carros de assalto da PIDE e atacar os agentes. Houve centenas de feridos.

Catolicos Condenam Salazar

São da maior importancia as resoluções que acabam de ser aprovadas pelo I Congresso Mundial da Juventude Democratica Cristã, reunido em Caracas. Por unanimidade, os delegados de 42 países da Europa, Africa e America condenaram com energia as ditaduras de Franco, Salazar e Stroessner, tornando claro que o catolicismo não está mais disposto a tolerar os abusos que em seu nome são perpetrados por esses regimes de opressão e miséria.

Vale a pena transcrever os trechos essenciais das moções aprovadas. A resolução sobre Portugal expressa Condenação e repúdio à ditadura de Oliveira Salazar, bem como "apoio àqueles jovens estudantes que lutam contra o regime nas ruas de Lisboa e Coimbra". O regime português continua a moção: "caracteriza-se pela supressão das liberdades de manifestação politica e expressão do pensamento, e por seu colonialismo exercido em Angola e Moçambique", o que está "em desacordo com a forma de democracia social e com a politica economica que postulam os democratas-cristãos". Com relação ao regime de Franco, o Congresso da Juventude democrata-cristã usa de termos semelhantes, declarando-se disposto a "alentar as forças que lutam contra a permanencia da ditadura e ajudar ao êxito da ação dessas forças por todos os meios ao seu alcance mediante a criação de um comité permanente que sistematize os referidos meios, estabelecendo as necessarias ligações e não descansando até que voltem a reinar a liberdade, a justiça, a fraternidade e a Paz".



Um aspecto das manifestações estudantis em Lisboa, junto ao Estádio Universitário.

Em frente é o nosso caminho

O relato do que foram as lutas dos estudantes e trabalhadores portugueses em Maio não caberia em nossas colunas. A descrição da epopeia estudantil, operário e camponesa ocuparia centenas de paginas. Só no Brasil, os telegramas que dela dão conta diariamente somam muitas colunas de prosa. Não queremos, porém, deixar de arquivar nesta edição de "Portugal Democratico" algo que recorde de maneira mais direta os acontecimentos de Portugal. A escolha era difícil. Mas acabamos por nos decidir por alguns trechos de um comunicado estudantil sobre os dramaticos incidentes da madrugada de 10 de maio, em Lisboa, e por um comovente apelo operário.

O ASSALTO DA POLICIA A UNIVERSIDADE

Do comunicado número 26 dos estudantes de Lisboa em greve transcrevemos:

"Por volta das 3 h. e 30 m. forças policiaes (já tão nossas conhecidas) cercaram as instalações Academicas da Cidade Universitaria e o comandante da força entrou na Cantina sendo recebido pelo Professor Doutor Lindley Cintra a quem comunicou, não qualquer pedido de abandono das instalações Academicas, mas logo a ordem de deter os presentes e que preferia ser apenas ele próprio a fazê-lo, um a um, o que foi aceito, realizando-se ordeiramente a detenção e transporte dos presos. Os colegas foram conduzidos para o Quartel da Policia Móvel na Parede e alguns também para o Forte de Caxias e as colegas para a Prisão do Governo Civil. Aqueles tiveram de permanecer nos terreiros do Quartel e recusaram-se todos firmemente a aceitar qualquer alimento fornecido pelo Quartel. As colegas fizeram mesmo greve da fome, protestando contra atitudes evidentes de desconsideração com que as trataram, e revelando grande firmeza e coragem."

E mais adiante: *

Continuaremos portanto em frente, com uma só e clara atitude: o Luto Academico, sem que com tal se deixe evidentemente de fazer esforços de obter as necessarias soluções. Um levantamento da suspensão dos dirigentes, seria sim, um índice razoável de respeito e boa vontade para com a Universidade, que o pediu e uma base de confiança para os estudantes.

Lutando com perseverança, sacrificio e inextinguível firmeza por uma Universidade autonoma, com Orgãos próprios a funcionar com liberdade e respeito, e por Associações de Estudantes funcionando normalmente e sob uma legislação justa, pretendendo uma reparação evidente e concreta das graves ofensas cometidas sucessivamente contra a Universidade e o movimento associativo, sabem os estudantes que estão a cumprir plenamente o seu dever de Universitários. Porque a sua dignidade de homens e a consciencia da sua qualidade de Universitários só lhes permite querer e aceitar a Universidade que autenticamente o seja, assentando naqueles principios de justiça, de liberdade e de verdade sem a observância dos quais não se pode verdadeiramente dizer que

exista nem pode de modo algum cumprir a sua missão para com o País. Os estudantes sabem pois, cumprir dedicada e lucidamente os seus deveres para com este, nesta hora grave e de sacrificio ao lutarem por uma verdadeira Universidade e justa estruturação e desenvolvimento do movimento associativo. Lisboa, 12 de Maio de 1962 — As Associações de Estudantes

A RESPOSTA DOS OPERARIOS

Respondendo à onda de repressão desencadeada pelo salazarismo moribundo, um grupo de operários divulgou, no Porto, com o título "Em frente é o nosso caminho", o curto mas expressivo manifesto que, a seguir publicamos:

O salazarismo enfurecido pelas grandiosas manifestações realizadas em 31 de Janeiro e 8 de Março, no Porto, em que a classe operária tem demonstrado ser a força de vanguarda na luta por PAZ EM ANGOLA, ANISTIA, AUMENTO IMEDIATO DE SALARIOS e MORRA SALAZAR, — irá fazer todos os esforços para deter a marcha do povo português a caminho da LIBERDADE e da DEMOCRACIA.

Ainda recentemente em Lisboa foram despedidos dezenas de operários na Parry & Son, pelo que os nossos companheiros fizeram UMA GREVE DE BRACOS CAIDOS DURANTE UMA HORA, de protesto.

Mais recentemente ainda, em 8 de Março, foram presos vários operários e estudantes, no Porto, pelo que algumas centenas de estudantes, encorajados pelos trabalhadores, protestaram, junto da Universidade do Porto, contra as prisões.

Mas o Povo português em cada dia que passa mais se robustece e tempera para as grandes jornadas libertadoras que se aproximam:

— NO DIA 10 DE MAIO que todos faltem ao trabalho, comemorando em passeios festas e bailes o DIA INTERNACIONAL DO TRABALHADOR.

Perder um dia não trabalhando significa ganhar muitos anos de PAZ, PAZ, TRABALHO E ALEGRIA!

— NO DIA 8 DE MAIO — fim da 2.a Guerra Mundial — que a voz da classe operária gritando "PAZ EM ANGOLA", uma gigantesca manifestação de rua, faça calar a boca dos canhões, assassinos dos nossos jovens e dos patriotas e mártires angolanos, todos vítimas dos grandes monopólios a quem a guerra interessa.

Faleceu Raquel Moacir

Vítima de um derrame cerebral, faleceu inesperadamente no findo dia 12 de Maio a grande atriz brasileira Rachel Moacir, casada com o nosso companheiro de redação Adolfo Casais Monteiro.

Natural do Rio de Janeiro, Rachel Moacir ingressou no teatro aos 25 anos, tendo alcançado um êxito particular em "O anjo de pedra" ("Summer and Smoke"), de Tennessee Williams, ao lado de Cécilia Becker. Ainda nessa temporada de 1950 Rachel Moacir interpretou a "Ronda dos malandros", de John Gay, no Teatro Brasileiro de Comedia. Seguiram-se os de-

O apoio da C.O.N.C.P.

A Conferencia das Organizações Nacionalistas das Colonias Portuguesas (C.O.N.C.P.), solidarizando-se com a luta do povo português, distribuiu à imprensa, o seguinte comunicado:

"Desde o começo do ano, o povo português iniciou uma prova de força contra o governo fascista de Salazar.

Depois das manifestações dos estudantes, depois do 1.º de Maio, o 8 de Maio encontrou o povo português prossequindo a sua ação contra a tirania do regime, contra a guerra colonial. E mais uma vez, a policia fascista espingardeou o povo.

A C.O.N.C.P. afirmou sempre que a luta dos povos das colonias portuguesas se dirige contra o poder colonial fascista de Portugal mas não contra o povo português.

Fatos novos provam todos os dias que aqueles que oprimem os povos dos nossos países são os que, também em Portugal, disparam sobre o povo.

O Secretariado Permanente da C.O.N.C.P. resolve neste momento:

— render homenagem à corgem dos patriotas portugueses que lutam pela instauração da democracia em Portugal;

— assegurar novamente ao povo português e às suas organizações combatentes a simpatia e o apoio fraternal dos povos das colonias portuguesas;

— denunciar e condenar os crimes que o governo português não cessa de cometer contra o seu povo.

O Secretariado Permanente da C.O.N.C.P.

APOIO A LUTA DOS ESTUDANTES PORTUGUESES

José Fret, Secretário Geral da União Geral dos Estudantes da Africa Negra sob domínio colonial português (UGEAN) enviou, em nome desta organização, os seguintes telegramas:

— Aos presidentes das Associações Academicas de Lisboa:

"Nome estudantes colonias portuguesas UGEAN manifesta total solidariedade vossa luta contra ditadura salazarista".

— Ao ministro da Educação Nacional

"Nome estudantes colonias portuguesas UGEAN exige libertação imediata estudantes e professores empenhados luta fascismo português".

— A Direção da Associação Academica de Coimbra

"Nome estudantes colonias portuguesas UGEAN manifesta total solidariedade vossa luta contra ditadura Salazar".

Também os portugueses democratas fixados no Marrocos mandaram um telegrama ao governo português, do seguinte teor:

"Portugueses Marrocos protestam repressão brutal feita contra povo indefeso, lutando pela obtenção liberdades fundamentais".

sempenhos de "Convite ao baile" ("L'invitation au chateau", de Anouilh, "Paoloi velho", de Abilio Pereira de Almeida, e "Seis personagens à procura de um ator", de Pirandello).

Era Rachel Moacir, além de uma grande atriz, uma mulher do seu tempo, atenta à marcha das ideias e a toda a problemática do homem. Quantos lutam pela causa da paz e do progresso da Humanidade tinham nela uma companheira. Os democratas portugueses perdem uma amiga sempre solidária com a luta antifascista. A dor de Adolfo Casais Monteiro é, assim, também nossa.

**PORTUGAL
DEMOCRATICO**

A IMPRENSA BRASILEIRA COMENTA OS ACONTECIMENTOS

A intensificação da luta dos estudantes e trabalhadores de Portugal, durante o mês de Maio teve imensa repercussão no Brasil. Os principais jornais, incluindo alguns órgãos subvencionados pela embaixada portuguesa, dedicaram largo espaço às greves estudantis de Lisboa, Porto e Coimbra e aos acontecimentos do primeiro e oito de Maio. A prisão em massa de estudantes no dia 11, foi noticiada pelos vespertinos sob manchetes que ocupavam quase metade das primeiras páginas. Por outro lado, em suas seções editoriais, a maioria dos quotidianos de São Paulo e do Rio comentou a situação portuguesa salientando que o regime se encontra no quarto de hora final. Na impossibilidade de transcrevermos as dezenas de artigos publicados sobre o assunto, reproduzimos, a seguir, algumas passagens de comentários inseridos em "Última Hora", "O Estado de S. Paulo" e o "Diário de Notícias".

APROXIMA-SE DO FIM A DITADURA DE SALAZAR

Em sua edição de 11 de Maio, na coluna "Do ponto de vista Internacional", o jornal "Última Hora" publicou o seguinte tópico:

Estão tremendo nos alicerces as ditaduras da Península Ibérica. Lisboa é hoje uma cidade em pé de guerra. Em Coimbra a oposição dos estudantes ao salazarismo revela-se radical e total. In formações recalcitrantes de Portugal das fontes mais insuspeitas, indicam que o descontentamento do povo se alastra e se aprofunda a cada dia. A tirania de 35 anos parece estar chegando ao fim — um fim que coincide sintomaticamente, com a desagregação do império colonial português — com Goa, Damão e Diu já em mãos dos indianos e a luta libertadora de Angola a exaurir o recurso do salazarismo em pânico.

O ditador de Santa Comba experimenta nestes dias o seu grande fracasso político. Pensava Salazar aproveitar-se da situação em Angola para galvanizar o povo português na base de uma unidade nacional que lhe permitisse abafar a crescente oposição interna à ditadura. Lisboa e todas as cidades portuguesas encheram-se de cartazes e apelos à "união sagrada" para salvar a pátria em perigo. Essa propaganda, baseada inclusive, na inovação às tradições históricas de Portugal, teve a princípio algum impacto sobre o sentimentalismo do povo lusitano, mas acima do sentimentalismo, acabaram predominando outras razões. Os sucessivos embarques de soldados para as colônias inquietaram e afligiram o povo. As despesas militares, calculadas em mais de um terço do orçamento, desmantelaram o famoso equilíbrio das finanças salazaristas. agravaram os impostos e fizeram aumentar drasticamente o custo de vida. Esta a causa fundamental que agora impede o povo português a sair à rua para luta contra o regime policial de Salazar, sob o lema "abaixo o fascismo e a guerra em Angola".

Como sempre, as ditaduras ibéricas atribuem todo movimento de oposição a agitadores comunistas estrangeiros. Franco dá-se ao ridículo de alegar que as greves dos mineiros espanhóis são obra de "agitadores" importados da Inglaterra. Salazar põe na rua todas as suas forças de repressão, invocando o espantoso comunista. Tudo em vão. A onda de resistência popular é por demais poderosa e profunda para ser contida a esta altura, com semelhantes pretextos. C. D.

O DRAMA IBERICO

"O Estado de S. Paulo" dedicou também um extenso editorial aos acontecimentos de Portugal e Espanha.

"As ditaduras da Península — escreveu o articulista — permanecendo no poder durante a vida inteira de uma geração humana, já se desgastaram completamente de forma que o descontentamento popular espontâneo, arrastando consigo sobretudo os estudantes e as grandes massas operárias, está tomando vulto e chamando a atenção da opinião pública mundial, entre circunstâncias dramáticas e patéticas, para o encrave anacrônico e liberticida que os regimes arbitrários e autoritários de Salazar e de Franco representam numa Europa que se reencontrou a si mesma após a terrível operação da guerra que eliminou do seu corpo político o cancer totalitário de Hitler e de Mussolini. A bem dizer, a Península Ibérica — que já esteve à frente do movimento histórico, liderando as mais arrojadas aventuras de significação revolucionária e ideológica que resultaram no descobrimento do mundo, e sobretudo do "novo mundo"

— transformou-se numa ilha de estagnação, mantendo seu antigo e anacrônico sistema paternalista e permanecendo apegada ao estilo, aos padrões e às estruturas do "antigo regime".

E mais adiante:
É o que ressentem os estudantes e operários portugueses e espanhóis que, enfrentando as violências da polícia de Franco e de Salazar, por movimentos de massa, demonstrações e greves, protestam contra os regimes que já há muito foram superados pela História. Acompanhamos com simpatia este movimento de despertar nacional e social de que se tornam mensageiros e protagonistas os estudantes e os operários das duas grandes nações, às quais permanecemos ligados por estreitos laços de parentesco consanguíneo e espiritual. Naturalmente, não nos surpreendem os esforços dos regimes totalitários ibéricos por atribuir a responsabilidade pelas reivindicações salariais do operariado e pela solidariedade com que a classe estudantil acompanha o movimento operário a "agentes" estrangeiros, soviéticos e briánicos, dando a entender — o que equivale ao menosprezo do brio tradicional da própria nacionalidade — que os portugueses e os espanhóis, por decisão própria, jamais teriam esboçado qualquer movimento, que parecem identificar-se não vemos que parecem identificam-se não apenas com o Estado e com a Nação, mas também com a ordem e a justiça."

Também o "Diário de Notícias", do Rio de Janeiro, se ocupou com interesse da luta democrática travada por portugueses e espanhóis. O comentarista internacional do importante matutino — nosso companheiro de redação Paulo de Castro — depois de analisar a situação reinante em Espanha, acrescentava:

"Fato lamentável é que todos os milhões emprestados à Espanha, ou concedidos ou pagos pelas bases militares, em nada tenham beneficiado o povo espanhol.

Como sempre, esses milhões e todos os milhões que os Estados Unidos enviam à Espanha enquanto durar o fascismo serão para a oligarquia instalada no poder e visa, acima de tudo, sustentar essa oligarquia, embora se fale pomposamente em "ajuda ao povo espanhol".

Ao mesmo visa a ajuda prestada por países ocidentais a Salazar, que por em prestígio, quer por "facilidades" no que respeita à sua contribuição na OTAN, permitindo com esse dinheiro assim conseguido, ou assim poupado, compra de novas armas para a repressão colonial e dentro da Metrópole. Que depois disso certos países ocidentais se digam anticolonialistas é o que causa surpresa. Naturalmente os africanos estão tomando boa nota destes e de outros fatos, já revelados na imprensa da Guiné, de Gana, e até inglesa. E quando os ocidentais se apresentarem com teses anticolonialistas, os africanos têm um "dossier" que é grave.

Não é certamente desta forma que os ocidentais podem estabelecer uma competição ideológica com a União Soviética, mas ao que parece é perfeitamente inútil insistir sobre o fato, pois a engrenagem da OTAN, e outras, obrigam homens inteligentes a comportar-se como se o não foram.

O líder das oposições portuguesas, general Humberto Dedgado, ainda há poucos dias declarou, autorizado pela Resistência interna (agora inteiramente unida) e externa, que não seriam pagas dívidas contraídas por Salazar. A quem in eresse pode tomar nota."

—oOo—
"E os acontecimentos em Portugal provam que estas afirmações agora podem ter interesse político. Quanto à Espanha, tema fundamental do nosso artigo, é evidente que um mesmo processo de aprofundamento de lutas se evidencia, estando toda a Península em estado pré-revolucionário.

"Naturalmente seria ingênuo pensar que governos com tão forte apoio internacional se desagreguem de um dia para o outro o importante é que o processo é irreversível e que a luta já está começando a chegar aos choques dentro das próprias cidades ocupadas por tropas do exército, numa espécie de super-estado de sítio dentro do estado de sítio permanente."

Apoio a Juventude

Entre as inúmeras e vibrantes manifestações de solidariedade e apoio que a luta dos operários, estudantes e camponeses de Portugal tem suscitado conta-se a DECLARAÇÃO que, a seguir, transcrevemos e cujo texto recebeu centenas de milhares de assinaturas em dezenas de países:

Nós Jovens e Organizações da Juventude do Mundo Inteiro:

Informados da grave repressão que sofre a juventude portuguesa, sabendo que milhares de jovens portugueses são perseguidos, presos, torturados, condenados à prisão perpétua ou mesmo assassinados, pelo simples fato de desajarem o respeito dos direitos mais elementares e de ambicionarem um regime democrático para o seu país.

CONDENAMOS a permanente violação dos direitos do Homem e da juventude que ocorre em Portugal.

MANIFESTAMOS toda a nossa simpatia e toda a nossa solidariedade aos jovens anti-fascistas portugueses e especialmente aos jovens presos.

E APOIAMOS a realização de um "Dia Internacional para a Anistia para todos os Jovens Presos Políticos Portugueses" em 19 de Maio de 1962, aniversário do assassinato da jovem camponesa portuguesa, Catarina Eufémia.



Um aspecto da assistência ao grandioso ato público realizado no dia 16 no Sindicato dos Gráficos

O apoio dos Democratas de Recife as lutas do 1.º de Maio

Segundo as notícias divulgadas pelos jornais e pelo rádio, o dia 1.º de Maio ficou assinalado em Portugal por mais uma violenta agressão. As forças policiais do regime fizeram muitas prisões, metralharam o Povo, causando muitos feridos e alguns mortos.

Perante tais acontecimentos, nós, cidadãos portugueses residentes no Brasil, vimos denunciar publicamente o regime fascista de Salazar que suprimiu as liberdades democráticas em Portugal há mais de trinta anos, conspirou contra a República Espanhola intervindo na instalação do fascismo franquista, alienou a Independência Nacional com o Pacto Ibérico e faz atualmente a guerra ao Povo Angolano.

Afirmamos publicamente nossa inteira solidariedade com todos aqueles Portugueses que, no prosseguimento da luta pelas liberdades democráticas e na comemoração do 1.º de Maio, tiveram que enfrentar as forças salazaristas nas ruas de Lisboa e do Porto.

O que se passou no 1.º de Maio, as manifestações populares do 31 de janeiro e tantas outras demonstrações de UNIDADE CONTRA SALAZAR dão-nos a certeza de que em breve o Povo Português acabará com o fascismo e implantará um regime de Paz, Liberdade e convivência com todos os Povos.

Recife, 5 de maio de 1962.

Ass. RUY LUIS GOMES, professor universitário; JOSÉ MORGADO, professor universitário; MANUEL LUIS FERNANDES, comerciante; ANGELO FERREIRA DA SILVA, comerciante; IRENE GONÇALVES FERNANDES, comerciante; ARMANDO AREIAS, engenheiro; ANTONIO BRITO MIGUEL, comerciante; ANTONIO DA SILVA LARANJEIRA, comerciante; FAUSTO MOURISCA MOREIRA, comerciante; JOSÉ FONSECA BARROCO CEBOLO, comerciante; LUCIANO RODRIGUES DA SILVA, comerciante; CARMEM FREITAS DA SILVA, doméstica; LUIZA FREITAS DA SILVA, doméstica; DEOLINDA DA SILVA, doméstica; ARMENIO FERREIRA DIOGO, comerciante; CASIMIRO DANIEL VALERIO, comerciante; ANTONIO MARQUES DA SILVA, comerciante; MANUEL ESTEVES, comerciante; ACACIO AUGUSTO ALVES, comerciante; DAVID MANUEL FERNANDES, comerciante; ARMANDO PEREIRA PINTO, comerciante; JULIO LOPES RAMOS, comerciante.



No ato público do Sindicato dos Bancários, cada faixa, nas paredes, era um grito de combate contra a ditadura salazarista.

Na Praça da Sé Dia 20

GRANDE COMICIO DE SOLIDARIEDADE A PORTUGAL E ESPANHA APÓS A GRANDE PASSEATA QUE PERCORRERA A CAPITAL PAULISTA

"ANHEMBI"

Desde a sua fundação há 11 anos, "ANHEMBI" é a publicação brasileira que há mais longo tempo combate o salazarismo. Em todos os seus números se encontram artigos contra o fascismo de Salazar, de grande interesse e atualidade para aqueles que desejam estar a par dos processos criminosos do ditador e das crescentes lutas do povo português. Pedidos da assinatura à Redatorial "ANHEMBI" Ltda., Rua Apa, 190, sobreloja. — Telefone: 52-0607.

Os trabalhadores e o fascismo

Transcrevemos a seguir cópia dum manifesto impresso e distribuído em Lisboa, o qual seria entregue por uma delegação de trabalhadores ao ministro das Corporações, no Terreiro do Paço, às 18,30 horas do dia 1.º de Maio.

Excelência:
Certos de exprimir os anseios das classes trabalhadoras e do povo de Lisboa, esta delegação entrega a V. Exa., com pedido de comunicação ao governo, a presente exposição, propondo medidas para melhorar a situação dos trabalhadores.

Esta situação é hoje mais grave do que nunca, como se prova com os seguintes elementos:

1) Os salários conservam-se sem aumento e o patronato e as autoridades fazem a maior resistência a dar os aumentos pedidos, ameaçando, despedindo e até mandando prender os trabalhadores.

2) O custo da vida agrava-se constantemente (no último mês foi anunciado o aumento dos transportes e da carne). As últimas negociações económicas com o estrangeiro, facilitando ainda mais a intervenção dos monopólios internacionais no nosso país, fazem-nos prever novo agravamento do custo da vida.

3) Como se não bastassem as dificuldades existentes, os trabalhadores são sobrecarregados com novos impostos de guerra, que se vêm acrescentar às taxas corporativas, descontos para o desemprego e outras taxas.

4) Talvez nunca tenha chegado a tal extremo o problema da habitação das classes trabalhadoras, com dezenas de milhar de famílias a viver amontoadas em quartos, barracas e furnas.

5) As caixas de Previdência regateiam cada vez mais os seus subsídios aos associados, criando situações trágicas aos trabalhadores e suas famílias. E' com indignação que os trabalhadores vêm as Caixas de Previdência emprestarem milhões de contos ao Estado, como se não tivessem onde aplicar o dinheiro descontado aos magros salários dos seus contribuintes.

Mas não é só no campo económico que os trabalhadores têm reivindicações a apresentar. A crescente gravidade da situação política nacional recai também sobre os trabalhadores. Assim:

6) A guerra de Angola e nas outras colónias leva para África milhares de trabalhadores que lá perdem a vida ou a saúde numa carnificina inútil, deixa milhares de famílias ao desamparo, arruina as energias e os recursos da nação e faz com que Portugal seja condenado em todo o mundo.

7) As arbitrariedades e violências das autoridades contra os trabalhadores e a população em geral não têm conta: são-nos negadas as liberdades sindicais e as liberdades constitucionais, impedem-nos de nos organizarmos e de exportarmos os nossos pontos de vista, lançam-se nas prisões políticas centenas de operários, estudantes, empregados, intelectuais e outros bons portugueses, procura abalar-se com o MEDO todas as reclamações.

8) Segue-se uma política externa cheia de perigos, concedendo-se aos Estados Unidos, à Inglaterra e à Alemanha Federal a instalação de bases militares do nosso país. Portugal fica assim sujeito à destruição atômica no caso de uma guerra.

Com o fim de pôr cõbro a uma situação que não pode continuar, esta delegação apresenta a V. Exa., em nome das classes trabalhadoras de Lisboa, os 10 PONTOS MINIMOS que consideramos indispensáveis aplicar imediatamente:

1.º) Aumento geral dos salários e ordenados de forma inversamente proporcional aos atuais escalões mas nunca inferior a 30%.

2.º) Escala móvel de salários, de forma a que estes acompanhem qualquer elevação do custo de vida.

3.º) Supressão dos impostos de guerra (imposto de consumo, "contribuições voluntárias" e outras).

4.º) Construção de bairros de rendas realmente económicas para as famílias mais necessitadas.

5.º) Ampla revisão das bases da Previdência e Assistência, de modo a dar verdadeiros subsídios aos trabalhadores doentes.

6.º) Liberdade sindical, não interferência do governo nas associações de classe dos trabalha-

dores, assim como nas associações académicas, Ordens, etc.

7.º) Amnistia a todos os presos e perseguidos políticos.

8.º) Conversações com os representantes dos povos de Angola e de outras colónias para negociar o fim da guerra e o regresso dos soldados, o que só será possível reconhecendo o direito de independência desses povos.

9.º) Liberdade de comércio com todos os países do mundo.

10.º) Anulação da concessão de bases militares estrangeiras em território nacional.

Aguardando uma resposta favorável e muito em breve, subscrevemo-nos

Lo de Maio de 1962
A DELEGAÇÃO DOS TRABALHADORES DE LISBOA

APELO A J. GOULART

Publicamos a seguir o texto da exposição-apelo enviada ao Sr. Presidente da República do Brasil depois de aprovada por aclamação no Ato Público efetuado no Sindicato dos Bancários, de São Paulo, no dia 11 de maio último.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República Dr. João Belchior Marques Goulart:

Reunidos em ato público de solidariedade aos estudantes e trabalhadores democráticos portugueses cuja luta, neste momento, é acompanhada com a mais viva emoção pelo povo brasileiro, os signatários, interpretando os sentimentos da juventude estudantil e da classe trabalhadora do Brasil, solicitam de V. Exa., se digne exercer sua alta influência, diretamente ou por intermédio do Itamarati, junto do governo de Lisboa no sentido de que cesse o tratamento bárbaro a que vêm sendo submetidos, com flagrante desrespeito dos direitos fundamentais da pessoa humana, os seguintes democratas encarcerados nos presídios salazaristas, em virtude dos últimos acontecimentos verificados no decorrer da luta anti-fascista e detidos, em sua totalidade sem culpa formada:

OTÁVIO PATO — que esta sendo torturado pela PIDE a qual por todos os processos o impediu de dormir desde o dia 9 ao dia 20 de Janeiro.

JOAQUIM PIRES JORGE e CARLOS COSTA — presos há dias, sendo constantemente espancados e sem poder trocar as roupas abundantemente manchadas de sangue.

AMÉRICO DE SOUZA — que logo após a prisão foi metido no segredo e igualmente torturado com sevícias brutais.

JÚLIO MARTINS — que esteve também na tortura do sono de 25 de janeiro a 5 de Fevereiro, estando a beira da morte.

ALBINA FERNANDES — que foi de tal modo torturada que sofreu uma perigosa depressão nervosa capaz de conduzir a uma situação mais trágica. Como protesto contra os espancamentos fez greve da fome durante 5 dias.

NATALIA DAVID — sabemos que, posta em tortura de sono desde o fim de janeiro, foi muito espancada e ferida nos primeiros dias de fevereiro. Os seus gritos lancinantes durante vários dias de tortura ouviam-se ao longe.

DR. ARLINDO VICENTE — ex-candidato a Presidência da República que também vem recebendo tratamento desumano.

CAPITÃO VARELA GOMES — bem como outros militares implicados em levantes antifascistas.

MANUEL SERRA — dirigente da Juventude Operária Católica, preso pela PIDE em seguida aos acontecimentos de Beja, o qual, segundo testemunhas, já teria perdido um olho em consequência de brutal espancamento.

O conhecimento que temos dos métodos de terror policial postos

em prática pela Polícia Portuguesa (PIDE) e os antecedentes — denunciados internacionalmente — da mesma polícia, responsável por inúmeros assassinios e crimes no mais puro estilo da Gestapo hitleriana justificam as apreensões que os estudantes e trabalhadores do Brasil têm acerca da sorte que espera seus companheiros portugueses vítimas de seu amor pela causa da liberdade e da democracia.

Não se trata, em nossa opinião, apenas de um dever de solidariedade para com os representantes autênticos de um povo irmão prestar e recuperar a sua liberdade e que amanhã tomaria nossa indiferença em face de seus sofrimentos como sanção aos inomináveis crimes do fascismo salazariano. O que esperamos antes de mais nada de V. Exa., é um gesto humanitário. E anima-nos a certeza de que, V. Exa. não deixará de praticá-lo, não só porque, intervindo junto do governo de Lisboa em favor das vítimas citadas virá ao encontro das aspirações do povo brasileiro como também porque existe já o precedente de intervenções oficiais do Governo da República em defesa dos presos políticos do Continente. E' um apelo idêntico que os signatários solicitam e esperam de V. Exa.

Respeitosamente,

Maurício Vasconcelos Pinheiro, Presidente da União Estadual dos Estudantes; Luís G. S. de Almeida e Joaquim Soares, Rep. Centro Académico XI de Agosto da Faculdade de Direito da Univ. S. Paulo; Silvío Band, Rep. Gremio Politécnico; Carlos Roberto Garcia, Rep. Gremio da Fac. Filosofia, Ciência e Letras da Univ. S. Paulo; Aldo Leibta, Rep. Centro Académico Sociologia e Política; Pedro Iovini, Pres. Sind. Empregados Bancários; João Louzada, Secret. Sind. Construção Civil e Vereador; Rocha Mendes Filho, Pres. Sind. Trab. Gráficos e Deputado à Assembleia Legislativa de S. Paulo; José Oliveira e Silva, Diretor do Sind. Trab. Gráficos; Luís Firmino de Lima Pres. Sind. Trab. Textéis S. Paulo; Luís Góis Soti, Diretor do Sind. Trab. em Carris Urbanos; Lazaro Paulino Maia, Diretor do Sind. dos Marceneiros de S. Paulo; Lyndolpho Silva, Pres. da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil; Plínio Pimenta, Rep. da Liga Camponesa de São Paulo; Cid Franco, Deputado Assembleia Legislativa de S. Paulo; Germinal Feijó, Dep. à Asssembl. Leg. de S. Paulo; Jéthero Faria Cardoso, Dep. As. Leg. S. Paulo; Febus Gikovate, Pres. Com. Executiva do Partido Socialista Brasileiro; Mário Schenberg, Professor Universitário; Maria Cabral Prestes Maia, Esposa do Prefeito de São Paulo; Dolores de Mello e Vassão, Advogada, Secret. Geral da Com. Coord. Pró Anistia para os Presos e Exilados Políticos de Espanha e Portugal; Murillo Mello, Advogado, Com. Coord. Pró Anistia para os Presos e Exilados Políticos de Espanha e Portugal; Jamil Almansur Haddad, escritor.

Repudio aos aviadores fascistas

Jornalistas de Recife, por ocasião da passagem por aquela cidade de um grupo de militares fascistas portugueses, lançaram o seguinte manifesto:

"No momento em que se anuncia a chegada ao Brasil de uma caravana de aviadores militares portugueses para uma visita dita de intermambio com os oficiais da Força Aérea Brasileira, nós, jornalistas pernambucanos queremos manifestar publicamente o nosso repúdio à política colonialista do atual governo português que se tem servido, inclusive da arma da aviação para dizimar dezenas de milhares de patrio-

tas africanos, em luta por sua sobrevivência e pela independência de seus países.

a) Eunício Campello, José Gonçalves de Oliveira Vicente do Rego Monteiro, Paulo Cavalcanti, Clovis Melo, Ronildo Maia Leite, Ivaldo Medeiros, Talis Andrade, Carlos Luis de Andrade, Orlando Teles, Selenio Homem de Siqueira, Pedro Jorge de Andrade, João Silveira, Edson Regis, Cesar Leal, Leocádio Moraes, Fernando Menezes, Hiran Pereira, Fernando Mendonça Filho, Cláudio Tavares, Cesário de Melo, João Almeida, Celso Marconi.

Unidade é a Palavra de Ordem

Exortando a mocidade portuense à unidade de ação, as Juntas Patrióticas da Juventude divulgaram, recentemente em Portugal, o manifesto que abaixo publicamos:

"Juntamos os nossos caminhos na estrada larga que nos conduzirá à vitória final sobre a ditadura salazarista. Chegou o momento da Unidade dos Jovens. A opressão estremece a recua. O seu ultimo arranco — já de defesa — faz-se sentir através do endurecimento da repressão e do desespero das atitudes. E evidente a confusão nas Forças Armadas e no seio do próprio governo e o medo começa a pesar nas decisões do ditador e dos seus servidores — como bem o provou o espectacular recuo frente à firmeza e determinação da JUVENTUDE ESTUDANTIL, nos passados dias 24 e 25 de Março, no decorrer do DIA DO ESTUDANTE, em Lisboa.

Saudemos, estes milhares de jovens e enveredemos pela caminho por eles indicado — o único que nos pode levar à vitória total sobre o fascismo. Para além da nossa profissão, das nossas preocupações particulares e das nossas convicções está o nosso comum anseio de LIBERDADE e DEMOCRACIA. Vamos concretizá-lo numa luta unida, firme e colectiva, criando, a exemplo do que está a acontecer em todo o País, JUNTAS DE ACÇÃO PATRIÓTICA, cujo objectivo é congregar os esforços de todos os antifascistas.

JOVEM:

Em cada rua, em cada escola, em cada local de trabalho, cultura ou diversão, procura chamar a ti outro jovem, e que esse traga outro ainda, e outro, e outro... Esforça-te por reunir os que saibas sinceros antifascistas — e quase todos os são — e faz despertar neles o vigor e a clara consciência, atributos que sempre têm colocado a JUVENTUDE na frente de todas as causas justas. E' nossa a hora e o futuro está em nós. Levantemos os braços há tanto tempo caídos, ergamos os nossos corações tantas vezes humilhados, gritemos a nossa fé tantas vezes amordaçada. A JUVENTUDE não pode esperar. A JUVENTUDE tem que construir.

UNIDADE É A PALAVRA DE ORDEM

Palavra de ordem que estará viva em nós na FESTA DO TRABALHO, no próximo dia 1.º DE MAIO. NINGUEM AO TRABALHO! Festejamos como em todo mundo o DIA DO TRABALHADOR, organizemos passeios, festas, jogos, etc., e deixemos, nesse dia, vazias as nossas fabricas as nossas escolas, as nossas secretarias. Não é uma greve: é a reivindicação dum feriado que nos honra e já foi nosso.

UNIDADE É A PALAVRA DE ORDEM

Palavra de ordem que nos impulsionará na grande manifestação do próximo dia 8 DE MAIO, primeiro dia de PAZ depois da derrota do nazismo na II Guerra. NO DIA 8 DE MAIO, TODOS NA RUA, FRENTE AOS ESBIRROS. GRITAREMOS BEM ALTO:

PORTUGAL SIM! SALAZAR NÃO!
PAZ EM ANGOLA! LIBERDADE!
AMNISTIA! VAMOS TIRAR-LHES O SONO!

ABAIXO A PIDE, ABAIXO O FASCISMO!

NO LARGO DE S. FRANCISCO
NO DIA 20 DE JUNHO
AS 17,30 HORAS
COMPAREÇA A CONCENTRAÇÃO PARA A PASSEATA DE SOLIDARIEDADE AOS TRABALHADORES E ESTUDANTES DE PORTUGAL E ESPANHA

Endereços de Assinantes

PORTUGAL DEMOCRÁTICO

Rua Conselheiro Furtado, 191
São Paulo, Brasil

DIRETOR RESPONSÁVEL

Otávio Martins de Moura

CONSELHO DE REDACÇÃO

Adolfo Casais Monteiro, Carlos Maria de Araújo, Fernando Correia da Silva, Fernando Lemos, Jorge de Sena, Manuel Sertório, Paulo de Castro, Vitor Ramos.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Antonio Bidarra Fonseca, Carlos Neves, Francisco Lopes; Manuel Ferreira Moura.

SUCURSAL

RIO DE JANEIRO: Praça 11 de Junho, 356 — Telefone: 43-5110

REPRESENTANTES
FORTALEZA: Dr. Carlos d'Alge — Rua Senador Pompeu, 832 — Fortaleza — Ceará

CAXIAS: Manuel da Costa (Maneca) — Caixa Postal, 114 — Caxias (Estado do Rio)

BELO HORIZONTE: Virgolino Pereira Vilhena — Rua Rio de Janeiro, 390 — sala 304 — Caixa Postal 24 — Belo Horizonte — (Minas Gerais)

PELOTAS: Heitor M. Bandeira — Rua 7 de Setembro, 312 — Pelotas Rio Grande do Sul

SALVADOR: Américo Carvalho — Av. Sete, nº 1 — Edifício Sulacap, 215 — Salvador (Bahia).

INGLATERRA: Grupo de Portugueses Democratas da Inglaterra (GPDI) 4, Sherwood Gardens, Barking, Essex.

CANADÁ: Comitê dos Portugueses Democratas do Canadá — 47 Barrymore Road — Scarborough — Ontário — Canadá

VENEZUELA: Junta Patriótica Portuguesa — Apartado 8287 — Caracas

ARGENTINA — Joaquim dos Santos — Calle de Los Llanos, 1790 — DOCK SUR — Avellaneda — Buenos Aires

URUGUAI — Agrupação de Portugueses Democratas — Colônia 1.013 — P. 7 — Montevideo

CHECOSLOVÁQUIA: Manuel Nunes — Konevova, 160 — Zikov — Praha —

UNIÃO SUL-AFRICANA: J. Sarmento — P. O. Box 3314 — Johannesburg.

REDAÇÃO

Rua Conselheiro Furtado, 191 — Sala 2 — Caixa Postal 4469 — Tel.: 37-0933 — São Paulo

EXPEDIENTE

Dias úteis: das 19 às 22 horas
Sábados: das 15 às 19 horas
Número avulso: Cr\$ 10,00
Assinatura anual: Cr\$ 300,00
Assinatura especial: Cr\$ 500,00
Ass. p/ o Exterior: US \$ 5,00

Ano VI — N.º 61 Junho de 1962

Os artigos assinados traduzem apenas a opinião de seus autores, sendo por conseguinte de sua exclusiva responsabilidade.